

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

Instituto de Filosofia, Arte e Cultura

Curso de Especialização em Arte e Cultura Barroca

**RAMÃO RUBERVAL CALONGA VASQUES**

**IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO E SUA  
IRMANDADE**

**Ouro Preto**

**2011**

# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

Instituto de Filosofia, Arte e Cultura

Curso de Especialização em Arte e Cultura Barroca

## **IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLÓRIA DO OUTEIRO E SUA IRMANDADE**

**RAMÃO RUBERVAL CALONGA VASQUES**

Monografia apresentada como exigência ao curso de pós-graduação *lato sensu* para a obtenção do título de Especialista em Arte e Cultura Barroca, no Instituto de Filosofia Arte e Cultura da Universidade Federal de Ouro Preto.

Orientador (a): Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira

**Ouro Preto**

**2011**

PARECER

Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira, professor (a) orientador (a) da monografia intitulada "Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro e sua Irmandade", de Ramão Ruberval Calonga Vasques, confere ao trabalho a nota 9, (note), à luz do seguinte parecer:

" A monografia estuda um dos monumentos de maior importância de arquitetura e religião no Brasil, datando da época colonial. Além da síntese das informações coletadas nos livros e artigos consultados, incluindo elementos novos, particularmente no tocante às origens da devoção na capela primitiva, ligada aos primitivos da cidade do Rio de Janeiro. De especial interesse são os dados coletados no Arquivo do IPHAN que relatam o primitivo aspecto da talha de nave (pintura e documento), bem como a continuidade da culto nos dias atuais com fortes relações

Rio de Janeiro, 21/maio/2017

*Myriam A. Ribeiro de Oliveira*  
Professor (a) Orientador (a) Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu companheiro Carlos Alberto Ferreira que esteve sempre presente nessa jornada e me ensinou que a distância não diminui o amor e que sonhar é possível e essencial para a sobrevivência humana.

Ao meu pai Miguel Teixeira de Moura pelo carinho e incentivo no meu progresso intelectual. Aos amigos, com destaque especial aos que me acompanharam nesse processo como Carla Tavares, Edson Teixeira, Elisa Herrera, Juliane Oliveira, Sidnéa Santos, Jean Liberato, Deise Lustosa, Carolina Vaz, Claudia Lorenzon, Raphael Pinheiro, Josefa Santos, Fânia Ramos, Wânia Miranda, Carlos, Denis, Manuela e Marcelo.

Ao Rafael Gontijo de Godoy (em memória), nosso querido colega de turma. Ao Fabiano Maia, funcionário do Museu e responsável pelos arquivos da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória. Aos gentis funcionários do IPHAN, especialmente o Ivan e o Hilário.

Aos funcionários do IFAC, em especial a Luciana, que sempre nos tratou com carinho e gentileza. Aos meus alunos que a cada dia me fazem uma pessoa melhor.

A querida amiga 'Bia Beatriz' que foi de grande importância na confecção deste trabalho e a todos os professores desta Especialização que foram essenciais para o meu crescimento humano e profissional.

Especial agradecimento à minha professora e orientadora Myriam Ribeiro, uma das pessoas mais inteligentes que conheci. Para você Myriam, o meu agradecimento por tudo o que me ensinou.



## RESUMO

O presente estudo tem como objetivo conhecer e aprofundar os conhecimentos sobre a edificação e a história da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro e sua Irmandade, considerada uma das primeiras Igrejas Barrocas na cidade do Rio de Janeiro, cuja planta é formada por dois octógonos interligados. Mostra também a importância da Festa de Nossa Senhora da Glória e a troca de suas vestes em seu auge, no segundo reinado, período em que as festividades religiosas, através de suas irmandades tiveram grande importância para toda sociedade, pois ajudavam a integrar a população com o Estado. Além disso, a história da fundação da cidade do Rio de Janeiro está intimamente ligada à história do Outeiro da Glória. A partir de análise de livros, manuscritos, periódicos e documentos da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, e dos arquivos do IPHAN, foi possível conhecer melhor sua história.

Palavras Chave: Rio de Janeiro – História - Religião - Outeiro da Glória

## **ABSTRACT**

This study aims to know and deepen knowledge of the building and the history of the Church of Nossa Senhora da Glória do Outeiro and his Brotherhood, considered one of the first baroque churches in the city of Rio de Janeiro, whose plant consists of two interconnected octagons. Also shows the importance of the feast of our Lady of glory and the exchange of their garments in its heyday, during the second reign, during which time the religious festivities, through their sororities had great importance for every society, because it helped to integrate the population with the State. Furthermore, the story of the founding of the city of Rio de Janeiro is closely tied to the history of the Hillock of glory. From analysis of books, manuscripts, periodicals and documents of Imperial Brotherhood of Nossa Senhora da Glória do Outeiro, and archives of IPHAN, unable to know better your story.

Keywords: Rio de Janeiro – History – Religion - Outeiro da Glória

## SUMÁRIO

Introdução .....	12
<b>Capítulo 1 - O Rio de Janeiro e o Outeiro da Glória .....</b>	<b>15</b>
1.1. O Rio de Janeiro colonial .....	16
1.2. A Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro .....	18
<b>Capítulo 2 - A história do monumento e sua arquitetura .....</b>	<b>24</b>
2.1. O Outeiro da Glória e sua igreja .....	24
2.2. Análise da arquitetura .....	27
<b>Capítulo 3 – A decoração interna .....</b>	<b>38</b>
3.1. Talha .....	38
3.1.1. Retábulos .....	39
3.1.2. Púlpitos .....	44
3.1.3 Coro .....	47
3.2. Azulejaria .....	48
3.2.1 Aspectos históricos .....	49
3.2.2. Forma e estilo .....	50
3.2.3. Iconografia .....	51
<b>Capítulo 4 – Imaginária .....</b>	<b>63</b>
4.1. Iconografia e estilo .....	63
4.1.1. Nossa Senhora da Glória .....	64
4.1.2. São Gonçalo do Amarante .....	76
4.1.3. Santo Amaro .....	83
Considerações finais .....	87
Referências Bibliográficas .....	90

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 – Pormenor da planta do Rio de Janeiro – 1770 .....	15
IMAGEM 2 – Rugendas - Igreja de Nossa Senhora Glória – Litografia – 1823 .....	20
IMAGEM 3 – Brasão Imperial concedido à Irmandade em 1849, por D. Pedro II .....	21
IMAGEM 4 – Retirada das imagens do altar-mor para a troca das vestes .....	22
IMAGEM 5 – Fachada da Igreja após a última restauração e planta baixa .....	27
IMAGEM 6 – Vista aérea da Igreja e do adro .....	28
IMAGEM 7 – Placa com informações da Irmandade em 1739.....	30
IMAGEM 8 – Cisterna .....	31
IMAGEM 9 – Estrutura com pilastra de pedra e coruchéu .....	32
IMAGEM 10 – Coruchéu .....	32
IMAGEM 11 – Portada central com medalhão de N. S. da Assunção .....	33
IMAGEM 12 – Portas de jacarandá, laterais e centro .....	33
IMAGEM 13 – Vista interna da igreja .....	34
IMAGEM 14 – Arcaz com as pinturas dos Santos Doutores .....	35
IMAGEM 15 – Parede da sacristia com pavimentação em mármore .....	35
IMAGEM 16 – Pintura ingênua do teto da sacristia .....	36
IMAGEM 17 – lavabo português em mármore e pintura ingênua do teto .....	36
IMAGEM 18 – Ilustração e fotografia do antigo óculo hoje oculto pela argamassa ....	37
IMAGEM 19 – Talha dos altares de São Gonçalo, N. S. da Glória e Santo Amaro .....	39
IMAGEM 20 – Fotografia da parte interna da igreja ainda pintada de branco .....	43
IMAGEM 21 – Púlpito onde o Frei de Mont´Alverne fez o último sermão em 1855 ..	44
IMAGEM 22 – Bacia do púlpito em pedra de lioz .....	46
IMAGEM 23 – Coro com detalhe da talha da bacia .....	47

IMAGEM 24 – Primeira barra de azulejo analisado pelo Frei - epístola .....	53
IMAGEM 25 – Primeiro painel de azulejo examinado pelo Frei – evangelho .....	54
IMAGEM 26 – Segundo painel de azulejo examinado pelo Frei – epístola .....	54
IMAGEM 27 – Segundo painel de azulejo examinado pelo Frei – evangelho .....	55
IMAGEM 28 – Terceiro painel de azulejo examinado pelo Frei – epístola .....	55
IMAGEM 29 – Terceiro painel de azulejo examinado pelo Frei – evangelho .....	56
IMAGEM 30 – Barra de Azulejos do altar-mor – epístola .....	57
IMAGEM 31 – Barra de Azulejos do altar-mor – evangelho .....	57
IMAGEM 32 – Barra de azulejos da sacristia – cenas profanas de caça .....	58
IMAGEM 33 – Barra de azulejos da sacristia .....	58
IMAGEM 34 – Barra de azulejos do coro alto – Judas .....	59
IMAGEM 35 – Barra de azulejos do coro alto – Isaac .....	59
IMAGEM 36 – Cópia em gesso da imagem esculpida por Antônio Caminha .....	68
IMAGEM 37 – Decoração da igreja em dia de festa da Padroeira .....	69
IMAGEM 38 – Imagem da Padroeira no altar-mor .....	71
IMAGEM 39 – Detalhe da cabeça da Padroeira e do menino Jesus .....	72
IMAGEM 40 – Guarda – roupas com as vestes de Nossa Senhora e menino Jesus .....	73
IMAGEM 41 – Nossa Senhora e menino Jesus com algumas de suas vestes .....	73
IMAGEM 42 – Altar de São Gonçalo e imagem em detalhe .....	76
IMAGEM 43 – São Gonçalo do Amarante .....	81
IMAGEM 44 – São Gonçalo do Amarante em detalhe .....	82
IMAGEM 45 – Altar de Santo Amaro e imagem em detalhe .....	83
IMAGEM 46 – Santo Amaro .....	85
IMAGEM 47 – Santo Amaro em detalhe .....	86

## INTRODUÇÃO

A devoção a Nossa Senhora da Glória no Brasil vem do século XVII, quando o ermitão Antônio Caminha constrói uma pequena capela à Virgem no Outeiro, que naquela época era um lugar deserto. Segundo o romancista José de Alencar<sup>1</sup>, o corsário português Aires de Lucena, após derrotar um pirata calvinista francês que atacara seu navio na Baía de Guanabara, em 15 de Agosto de 1608, colocou no nicho da proa de sua escuna uma imagem de Nossa Senhora da Glória.

Durante a comemoração da Assunção de Maria, na praia de Sapucaitoba (depois praia do Russel), a imagem teria desaparecido do nicho, indo parar numa gruta no alto da colina, iluminando a mata com seu resplendor. Emocionado o marujo prometeu construir-lhe uma capela naquele local quando terminasse suas viagens pelo mar. A santa deslizou pela montanha sem tocar o chão ou água e voltou para a proa da embarcação.

Após alguns anos, Aires de Lucena perde sua filha de criação, que na verdade era a filha do corsário francês que ele havia criado após a tragédia marítima que vitimou seus pais. Aires era apaixonado pela jovem e, após sua morte, abandonou a vida marítima e colocou a Imagem de Nossa Senhora da Glória na gruta do Outeiro, lugar escolhido por ela muitos anos antes. A Imagem foi esculpida por um conterrâneo de Aires chamado Antônio Caminha, que o substituiu no cuidado da Santa após sua morte, e em 1671 construiu a primeira ermida de taipa no morro da Glória. Mais tarde foi fundada a Irmandade de Nossa Senhora da Glória que edificou a atual igreja. Além desta imagem, Caminha teria feito outra, enviado a Portugal,

---

<sup>1</sup> ALENCAR, José de. *O Ermitão da Glória*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

mas uma violenta tempestade arremessou a nau que a transportava contra as costas do Algarve. Aparecendo o caixote nos rochedos da cidade de Lajes, os Capuchinhos de São Francisco a encontraram e colocaram em seu convento. Uma cópia desta imagem foi colocada no Outeiro da Glória em 1942. Os fiéis formaram uma pequena Irmandade em março de 1698, para melhor servir à Senhora da Glória. Em 1699, Cláudio Gurgel do Amaral, proprietário do Outeiro, faz a doação do mesmo à Irmandade, com a condição de ser construída uma igreja maior que substituísse a ermida primitiva, já em ruínas e pudesse dar sepultura a ele e seus familiares.

Em 1739 já estava construída a nova igreja e instituída a Irmandade. Sendo uma das igrejas mais belas da cidade foi freqüentada por toda a Família Imperial e Titulares do Império. A devoção da Família Imperial começou com D. João VI, criando raízes no coração de seus descendentes no Brasil, principalmente no segundo Reinado (1840 - 1889), em que D. Pedro II concedeu o título de Imperial à Irmandade, por um Decreto de 1849 e confirmação de 1867.

A todo 5 de agosto, realiza-se a cerimônia da troca de vestes de Nossa Senhora e do Menino Jesus. No tempo do Império esta solenidade era comandada pela Imperatriz ou por algumas titulares do Império. Esse ritual é um preparativo para a festa e no mesmo dia começa a novena. A festa da Glória é comemorada no dia 15 de agosto, dia de Assunção de Nossa Senhora, sendo uma homenagem feita à Padroeira do Outeiro.

O presente estudo foi elaborado com a finalidade de conhecer, estudar e aprofundar os conhecimentos sobre a edificação e a história desta importante Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro e seu culto no Brasil. Considerada uma jóia do barroco brasileiro com

influência borromínica, possui plano excepcional, formado por dois prismas octogonais entrelaçados, tendo à frente uma torre sineira quadrangular.



## CAPÍTULO 1 - O RIO DE JANEIRO E O OUTEIRO DA GLÓRIA

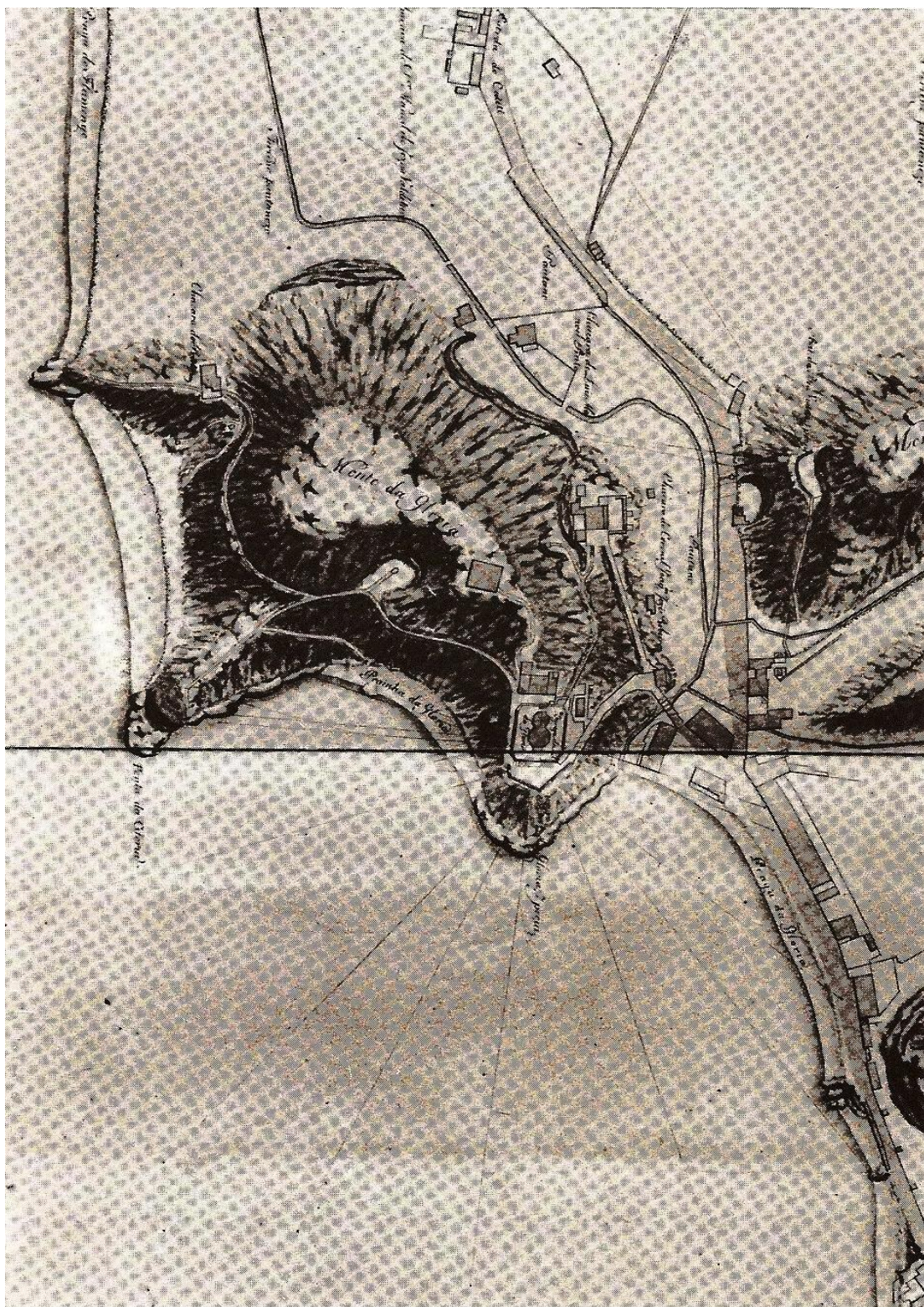


IMAGEM 1 – Outeiro, adro e igreja de Nossa Senhora da Glória. Pormenor da Planta do Rio de Janeiro no tempo do Conde de Rezende - 1770.



## 1.1. O Rio de Janeiro Colonial

Segundo o jornalista e escritor Vivaldo Coaracy (1988), André Gonçalves foi o primeiro explorador a chegar à baía de Guanabara em 1º de janeiro de 1502. Pela extensão de água que via diante de si, julgou achar-se no estuário de um grande rio, ao qual deu o nome de Rio de Janeiro. Embora se afirme que o nome Rio de Janeiro tenha sido escolhido em virtude dos portugueses acreditarem tratar-se da baía da foz de um rio, na verdade, à época não havia qualquer distinção de nomenclatura entre rios e baías, motivo pelo qual foi corretamente designado como rio.

É hoje universalmente aceito pelos historiadores que a formosa baía do Rio de Janeiro foi descoberta em 1º de janeiro de 1502, pela primeira esquadra que dom Manuel mandou a explorar as costas do país descoberto por Pedro Álvares Cabral.<sup>2</sup>

Em 1º de novembro de 1555, os franceses comandados por Nicolas Durand de Villegagnon, apossaram-se da Baía de Guanabara, estabelecendo uma colônia na ilha de Sergipe, atual Ilha de Villegagnon. “Ali ergueram o Forte do Coligny, enquanto consolidavam alianças com os índios Tamoios e Tupinambás” (COARACY,1988,p. 310).

Atendendo ao pedido de Mem de Sá ao informar a Coroa de que havia destruído o Forte de Coligny, a Rainha-regente ordenou a Estacio de Sá, que era o portador da notícia enviada por seu tio, o Governador-Geral, de executar a tarefa. As ordens reais eram para fundar uma cidade.

---

<sup>2</sup> ROWER, Basílio. *O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro: sua história, memórias, tradições*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008. P. 19.

Como Salvador, o Rio de Janeiro já nasceu com o privilégio de cidade, nunca tendo passado pelas fases de povoação e vila.

Estácio de Sá chegou ao Rio de Janeiro nos primeiros dias de fevereiro de 1564, instalando-se, ao que é de presumir, na própria Ilha de Sergipe, onde Villagnon levantara a sua fortaleza. Nesta ocasião numerosos habitantes de São Vicente e São Paulo incorporaram-se às forças de Estácio de Sá e com ele transferiram-se para a nova cidade que ia fundar. Organizada a expedição, deixou o porto de São Vicente em fevereiro de 1565 e no dia 1º de março Estácio de Sá fundava a cidade no istmo entre a Cara de Cão e o Pão de Açúcar, no chão hoje ocupado pela Fortaleza de São João. É essa a verdadeira data e local da fundação do Rio de Janeiro.<sup>3</sup>

A fortaleza que os franceses haviam construído na colina de Urucumirim (atual Outeiro da Glória), foi assaltada e tomada pelos portugueses em 1567. “O Rio de Janeiro efetivo começa no Outeiro da Glória, a 20 de janeiro de 1567” (PEIXOTO, 1943, p.7)

A vitória de Estácio de Sá e seus aliados garantiu a posse do Rio de Janeiro aliviando a partir daí novas tentativas de invasões estrangeiras e expandindo, à custa de guerras, seu domínio sobre as ilhas e o continente.

Desapareceram os vestígios do Rio de Janeiro de 1565, a par do Pão de Açúcar; desapareceram os vestígios do Rio oficial de 1567, sobre o Morro do Castelo, ora arrasado: subsiste, felizmente o Urucumirim, o Leripe, o Outeiro da Glória, dominando a várzea do Catete, ou Carioca, boqueirão, osteira, por isso praia da Carioca ou da Glória, onde hoje estão os Jardins da Glória e a Praça Luis de Camões, logradouro também conhecido como Praia do Russel... Aí foi o começo do Rio de Janeiro e hoje é só o que resta do Rio inicial, efetivo, definitivo, em torno do Outeiro da Glória... Os Gregos chamavam a esses lugares centrais da vida Delphos, “umbigo” nós, com a autonomia da vida “cabeça” ou “coração”... O coração do Rio de Janeiro é a Glória.<sup>4</sup>

Em 1763, o ministro português conhecido como Marquês de Pombal transferiu a sede da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro.

---

<sup>3</sup> COARACY, Vivaldo. *Memória da cidade do Rio de Janeiro*. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, 1988. P. 371-372.

<sup>4</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Publicações do Patrimônio Artístico Nacional – vol.10. P. 11-12.

A vinda da corte portuguesa, em 1808, marcaria profundamente a cidade, que estava no centro de decisão do Império Português, debilitado com as guerras napoleônicas.

O Rio de Janeiro foi a única cidade a sediar um império europeu fora da Europa. Foi capital do Brasil de 1763 a 1960, quando o governo foi transferido para Brasília.

## **1.2 - A Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro**

Com o auxílio da documentação dos arquivos do IPHAN<sup>5</sup>, podemos nos aprofundar na história dos primórdios da fundação desta Irmandade que a historiografia tradicional relata. Se por forma de história oral, ou por relatos nada confiáveis, o fato é que nenhuma documentação foi encontrada sobre o ermitão Antônio Caminha e sobre os supostos relatos de sua chegada ao Rio de Janeiro, da feitura da pequena imagem de Nossa Senhora da Glória e seu retorno a Portugal.

Nesta investigação historiográfica, chegamos ao ano de 1678 e à pessoa do nobre Vicente de Leão, fidalgo da Casa Real, e íntimo do rei D. João IV e de seus filhos, os reis D. Afonso VI e D. Pedro II. Vicente de Leão participara ativamente da restauração em 1640, tendo grande prestígio em sua época. Em 1653 foi feito “Cavaleiro Professo da Ordem de Nosso Senhor Jesus Cristo” por d. João IV e recebeu de Afonso VI em 1665, por sesmaria as terras d’um certo Outeiro, na cidade do Rio de Janeiro” (NEDHEF, 2002, P. 22).

---

<sup>5</sup> Arquivo IPHAN, Série Inventário – RJ, CAIXA 063/3/01, CAIXA 064/1/01, Serie Obra Pasta nº 1785 parte 1e 2 e cópias de documentos relativos à reconstrução, reparos e acréscimos extraídas do arquivo da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro em 1940.

Em 3 de março 1678, a pedido do próprio Vicente de Leão, houve uma deferência real para transferir seus direitos da mesma sesmaria para a então Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, já que ele foi o primeiro juiz e fiel devoto da mesma senhora.

A sesmaria que o nobre Vicente de Leão recebeu em 1665, estava fora da medição realizada pelo Senado da Câmara na medição da “Testada de 25 de maio de 1667, constando em seus autos os limites das terras de Vicente de Leão com as da cidade do Rio de Janeiro, então em medição. Destas resoluções confirmadas pela segunda medição realizada pelo Ouvidor Geral o Dr. Manoel Dias Raposo, entre 16 de outubro de 1753 e 2 de setembro de 1754, e pelo registro da carta de confirmação régia da sesmaria dos sobejos das terras que ficaram fora do rumo, que se destinou desde a casa de pedra, altura da Praça José de Alencar com as ruas Senador Vergueiro e Marquês de Abrantes, na praia que chamam do Sapateiro (Flamengo), até a parte da cidade e mar, que o Senado da Câmara concedeu em nome de sua Majestade, o Governador desta Praça Dom Pedro de Mascarenhas”. (Arquivo IPHAN, CAIXA RJ 064/1/01 extraído do livro 140 do registro de Ordens Régias. 189 v.).

O então Príncipe Regente D. João, em 8 de janeiro de 1794, confirmou os direitos sesmeiros desta Irmandade. Assim demonstramos em poucas linhas, a história do nobre fidalgo da Casa Real, Vicente de Leão, primeiro Provedor (Juiz) e primeiro benemérito e verdadeiro doador das terras do Outeiro. Pelo contexto das escrituras de 1699 já havia uma Irmandade criada para cultuar Nossa Senhora.

Frei Agostinho de Santa Maria, em seu “Santuário Mariano, cujo 10º volume foi impresso em 1724, relata tal fato. Relata também que Antônio de Caminha ainda em 1714 assistia e servia Nossa Senhora e tinha dado princípio à fundação em 1671” (TELLES, 1969,

p. 60). As terras, com o nome de Chácara do Oriente, onde Antônio Caminha havia construído a ermida, pertenciam a Cláudio Gurgel do Amaral.

Claudio Gurgel do Amaral pertencia a uma família tradicional carioca e foi irmão da Ordem 3º da Penitência e da Santa Casa de Misericórdia. Foi ministro da Ordem 3º de 1701 a 1703 e provedor da Santa Casa de Misericórdia de 1703 a 1705. Foi também Capitão da fortaleza da carioca ou da Glória e ocupou diversos cargos públicos. No final da vida tomou ordens sacras. Era um homem truculento tendo-se envolvido junto com um dos seus filhos em rixas e motins. Morreu vítima de um assassinato.<sup>6</sup>

Em 1739 o Bispo do Rio de Janeiro, Dom Frei Antônio de Guadalupe O. F.M (1672-1740) deu licença e consentimento para erigirem de novo a Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. A localização privilegiada da Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro fez com que fosse uma das mais retratadas por alguns artistas viajantes que passaram pelo Rio de Janeiro, como Johann Moritz Rugendas.



IMAGEM 2 – Rugendas - Igreja de Nossa Senhora da Glória – Litografia - 1823

Em 1808, com a chegada da família real ao Brasil, a igreja passa a ter destaque social e político, pois todos os seus membros passaram a frequentá-la assiduamente.

---

<sup>6</sup> COARACY, Vivaldo. *O Rio de Janeiro no século XVII*. Rio de Janeiro: José Olympio; 1965. P. 230-1.

A filha primogênita, nascida em 3 de abril de 1819, e batizada a 4 de maio, recebeu o nome de “Maria da Glória. O Rei D. João VI é quem traz a netinha para entregá-la a Senhora Santa, a quem fora dedicada. Maria da Glória, nascida no Brasil, será D. Maria II, Rainha de Portugal. D. Pedro II também foi apresentado à Senhora da Glória, na sua igreja, em 2 de janeiro de 1826, por seus pais, os Imperantes” (PEIXOTO, 1943, p. 21).

O título mais cobiçado por uma irmandade foi concedido por D. Pedro II em 27 de dezembro 1849, podendo a partir desta data, acrescentar a denominação de Imperial ao seu nome, passando então a chamar Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.<sup>7</sup>



IMAGEM 3 – Brasão Imperial concedido à Irmandade em 1849 por D. Pedro II

Apesar da preferência da família imperial por esta igreja, isso não significou o afastamento das classes menos abastadas. Exemplo maior eram as festas realizadas no dia de Nossa Senhora da Glória a 15 de agosto, quando o povo participava de toda a programação.

A programação constava de uma novena, missa cantada pela manhã, procissão à tarde, fogos de artifícios e bailes eram frequentes na redondeza, principalmente os frequentados pelas elites da época, como os oferecidos pela Viscondessa de Sorocaba e o do Visconde de Meriti, onde hoje se localiza o Palácio Episcopal. Não

---

<sup>7</sup> IMPERIAL, *Titulo de arquivo da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro* (1849) P.6.

se pode negar que a festa de Nossa Senhora da Glória é efetivamente a mais popular festa religiosa.<sup>8</sup>

No dia 30 de abril de 1870 nela foi celebrada uma missa pelo fim da guerra do Paraguai que ocorreu em 1º de março, tendo comparecido sua alteza imperial e família, inclusive o Conde d'Eu, que tinha chegado ao Brasil regressando dos campos de batalha no dia anterior. Toda a redondeza estava vistosamente ornada e na subida da ladeira da Igreja de Nossa Senhora da Glória erguia-se o majestoso arco encimado pelas letras VVV, referindo-se a frase Vim, Vi e Venci.

Com a chegada da República, os festejos comemorativos ao dia de Nossa Senhora da Glória ficaram mais simples, mas a tradição foi preservada. Todo dia 5 de agosto realizam-se a troca das vestes de Nossa Senhora da Glória e do menino Jesus.



IMAGEM 4 – Nossa Senhora e o menino Jesus, retirados do altar-mor para a troca das vestes

---

<sup>8</sup> SANTOS, Noronha. *Festividade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. IPHAN, Arquivo de Noronha Santos (1940), maço 2 – Gaveta 11 p. 3.



A imagem é retirada do trono do altar-mor por irmãos graduados e numa sala contígua às tribunas, a portas fechadas, realiza-se a troca das vestes num silêncio respeitoso.

A Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, tem por objetivo principal o culto divino através da propagação da devoção. Tem ainda por objetivos promover, auxiliar e estimular campanhas de assistência e amparo às pessoas carentes de recursos; amparar, direta ou indiretamente, os menores abandonados, as pessoas enfermas e idosas necessitadas de apoio material e espiritual; manter ou auxiliar creches, maternidades, asilos, postos de assistência médica, escolas e estabelecimentos congêneres; prestar auxílio moral e material aos Irmãos necessitados, na forma prevista neste compromisso; sufragar as almas dos Irmãos falecidos; exercer atividades culturais, dando ênfase à preservação do seu patrimônio arquitetônico, artístico e histórico.

Passado um século, em 1940, a tradição ainda obriga aos Braganças, agora Bragança e Orleans: - à Princesinha aí batizada, nesse ano, filha dos Príncipes, Conde e Condessa de Paris, esta brasileira e bisneta de d. Pedro II, o irmão da outra d. Maria da Glória... Ainda é como a rainha de Portugal, também d. Maria da Glória... Se não é augúrio, é devoção que continua... Ora, se na glória, com a vitória da Glória, nasceu aí o Rio de Janeiro, se a devoção popular e soberana exaltou essa Glória a um santuário da Virgem padroeira da Brasil, porque outra qualquer santa invocação? Nossa Senhora da Conceição é a padroeira de Portugal; nossa Senhora da Glória é a padroeira do Brasil: da Conceição foi que lhe veio a Glória, a Maria... Por fim, e para sempre, Maria da Glória, que honramos no seu gracioso Santuário, jóia de paisagem e de arte, na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, nessa nossa gloriosa cidade sua, do Rio de Janeiro.<sup>9</sup>

---

<sup>9</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Publicações do Patrimônio Artístico Nacional – vol.10. P. 23.

## CAPÍTULO 2 - A HISTÓRIA DO MONUMENTO E SUA ARQUITETURA

### 2.1. O Outeiro da Glória e sua igreja

Estácio de Sá fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, localizada então entre o morro Cara de Cão e o Pão de Açúcar. Dois anos depois, já em 1567, ocorreu o célebre combate contra os franceses.

Neste combate Estácio de Sá é ferido, vindo a falecer e Mem de Sá determina que a cidade seja transferida para o morro que após diversas designações tais como: Descanso, São Januário, ficou conhecido como Morro do Castelo até os seus derradeiros dias em 1922, quando foi totalmente arrasado.<sup>10</sup>

Segundo o professor Augusto Carlos da Silva Telles (1969), o outeiro à beira mar, no local que se denominou primitivamente Uruçumirim e Leripe, foi fundado ainda no seiscentos, uma pequena ermida dedicada à Nossa Senhora da Glória . Em 1739, a capela já estava totalmente edificada. Provavelmente o autor do risco foi o Tenente-Coronel José Cardoso Ramalho com plano excepcional, formado por dois prismas octogonais entrelaçados, tendo à frente a torre sineira quadrangular, acima do pórtico.

Muitos fatos e acontecimentos ocorreram na cidade do Rio de Janeiro desde a sua fundação até o ano de 1671, quando o português Antônio Caminha de Aveiro, um “Ermitão possuidor de bens pai de família, com um filho padre de nome João e uma filha casada de nome Antônia, que vivendo apartado e vestido com o hábito de São Francisco” (PEIXOTO, 1969, p.13) resolveu construir no Outeiro do Leripe, uma modesta ermida, colocando a imagem de Nossa Senhora da Glória no seu interior.

---

<sup>10</sup> FRIDMAN, Sérgio A. *História do Bairro da Glória*. Rio de Janeiro: Barroco, 2002. P. 13.

O antigo morro do Leripe (hoje Outeiro da Glória), no qual Antonio Caminha fundara a ermida dessa invocação, pertenceu à “Sesmaria de Júlio Rangel de Macedo, cujos herdeiros venderam à família Rocha Freire. O último proprietário, Gabriel da Rocha Freire, por sua vez o vendeu ao Dr. Claudio Grugel do Amaral, por escritura datada de 20 de junho de 1699” (Arquivo IPHAN, série inventário Caixa RJ 063/3/1). Sobre esse benfeitor, José Vieira Fazenda em 1902 relata o seguinte:

Falta-nos espaço para tratar do doador do Outeiro da Glória, o Dr. Claudio G. Do Amaral Grugel, pois assim se assinava ele nos documentos da Santa Casa da Misericórdia, da qual foi importante Provedor. A vida desse homem que nos últimos tempos se ordenou in sacris, merece atenção e pode ser até certo ponto estudada nas Consultas do Conselho Ultramarino (Arquivo do Instituto Histórico). Rico, gozando de influência e tendo exercido vários cargos faleceu desastrosamente vítima dos ódios e paixões do tempo. Tal assunto ficara para próxima semana. 19 de agosto de 1902<sup>11</sup>.

Claudio Grugel do Amaral fez doação à Irmandade de Nossa Senhora da Glória constando a seguinte condição:

Para nele edificar-se uma ermida que fosse permanente e não sendo assim ficaria revogada a doação e com a condição de que na referida ermida lhe daria sepultura a ele doador e a todos os seus descendentes.<sup>12</sup>

Esse benfeitor da Glória, dono do Outeiro doado à Senhora e sua Irmandade, foi ministro da “Ordem Terceira da Penitência, onde exerceu diversos cargos na Casa de Misericórdia chegando a Provedor da mesma, durante o período de 1703 a 1705. Foi doutor pelo título que lhe deram. Quando enviuvou, tomou ordens já com idade avançada. Tinha desavenças com grupos contrários na cidade, sendo atacado por populares em emboscada onde foi ferido fortemente, vindo a falecer na Santa Casa” (FAZENDA apud PEIXOTO, 1969, p.15).

---

<sup>11</sup> FAZENDA, José Vieira. *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro* - IN Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 86, vol. 140, 1919. P. 303.

<sup>12</sup> LOS RIOS FILHO, Adolfo Morales de. *O Rio de Janeiro imperial*, Rio de Janeiro, 2000. P. 42.

Não se sabe de fato se foi enterrado na Irmandade do Outeiro da Glória, como quisera por condição imposta na doação. A velha ermida recebeu melhoramentos após a escritura de doação, já se apresentando com aspecto de capela, porém somente em 1714 foi lançada a pedra fundamental da atual Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro, inaugurada após 25 anos, portanto, em 1739.

Em 9 de outubro de 1739, os devotos da Virgem fizeram uma petição ao bispo D. Frei Antônio de Guadalupe, a fim de reativarem a Irmandade, nos seguintes termos:

Dizem os devotos da Virgem Nossa Senhora da Glória, cuja capela ou igreja se acha sita nesta cidade, extramuros, que ele para maior obséquio, serviço, culto da mesma Senhora, permitisse arrecadação e administração das esmolas com que os fieis concorressem para o mesmo culto e veneração, tem assentado erigir uma irmandade ou confraria com o título da mesma Senhora; para regra dela também determinam fazer seu compromisso que há de ser aprovado e confirmando por V. ex.a.; e como a querem erigir com a autoridade de V ex.a., portanto pedem a V. ex.a. em atenção ao culto da mesma Senhora, lhes faça mercê conceder licença para erigirem a dita irmandade, e mandar para o mesmo efeito passar provisão de ereção na forma de estilo.<sup>13</sup>

O bispo lavrou a seguinte provisão:

D. Frei Antônio de Guadalupe, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo do Rio de Janeiro, do Conselho de Sua Majestade, que Deus guarde. (...) Aos que esta nossa Provisão virem saúde e paz em o Senhor, que de todos é verdadeiro remédio e salvação. (...) Fazemos saber que, atendendo nós ao que por sua petição retro nos enviaram a dizer os devotos de Nossa Senhora da Glória desta cidade, extramuros, eles por serviço de Deus e da mesma Senhora, queriam erigir de novo a Irmandade da dita Senhora, e para o que pediam déssemos nossa autoridade e consentimento para o fazerem, a qual sendo por nos vista, havemos por bem de dar licença e consentimento aos ditos para erigirem de novo a sobredita Irmandade de Nossa Senhora da Glória, interpondo nossa autoridade. E depois de ereta farão seu compromisso em ordem ao bom governo dela. Dada nesta cidade do Rio de Janeiro, sob o nosso sinal e selo da nossa chancelaria aos dez dias do mês de outubro de 1739. E eu Antônio da Fonseca Lopes, escrivão da Câmara Eclesiástica, que a subscrevi.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> FLEMING. Thiers. *Relatório da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro de 1939*. P. 26.

<sup>14</sup> *Ibid.*, P. 26.

Neste mesmo ano a Irmandade organizou o seu compromisso, com 24 (vinte e quatro) capítulos que foi lavrado por Bento Pereira da Luz. Em 16 de dezembro de 1739 foi requerida pela Irmandade a aprovação do compromisso e em 7 de janeiro de 1740 foi o mesmo aprovado pelo bispo.

## 2.2. Análise da arquitetura

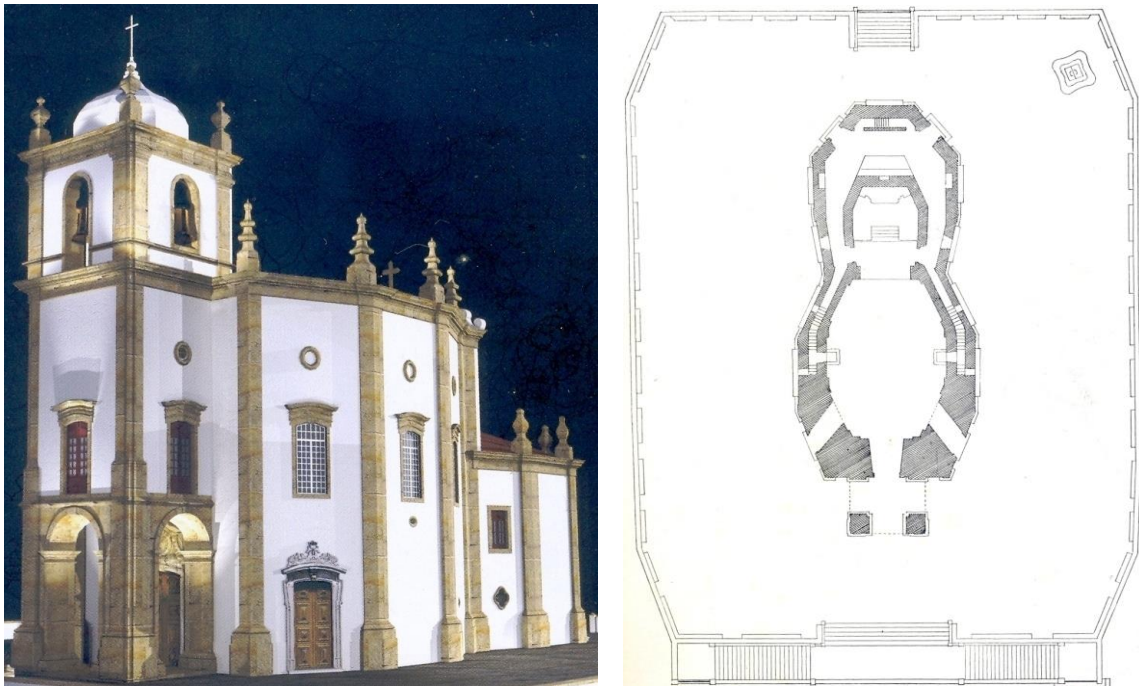


IMAGEM 5 – Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Glória após a última restauração e Planta baixa

A igreja da Senhora da Glória do Outeiro, pela época em que foi edificada (a partir de 1714, e até, o mais tardar, 1739) e pelas características da planta poligonal que apresenta, é um monumento de partido excepcional para o Rio de Janeiro e para o Brasil.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> TELLES, Augusto C. da Silva. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1969. P.69.

Ao fim da rampa-escada, situa-se um muro de alvenaria com plano octogonal, formando um retângulo com os cantos chanfrados que serve de adro para a igreja. Possui duas amplas escadas de cantaria que dão num patamar central para o pórtico. Entre estas escadas, encontra-se a cópia da Imagem de Nossa Senhora da Assunção que Caminha mandou para Portugal.

O Adro é pavimentado com lajes de pedra, contornado por guarda-corpo com peitoril de cantaria assim como os bancos com assentos



IMAGEM 6 – Vista aérea da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro e adro

Os detalhes arquitetônicos são de grande requinte e a planta é constituída de dois octógonos alongados com esguias pilastras de cantaria. Os octógonos, irregulares e interligados são antecedidos pela base quadrada da torre sineira, cujo pé serve de pórtico.

A capela-mor poligonal insere-se no octógono posterior de tal maneira que forma nos intervalos, corredores pelos lados e pela pequena sacristia aos fundos. Existem dois corredores térreos onde começam as escadas de acesso aos púlpitos, às tribunas das naves e ao coro.

No segundo piso, dependências semelhantes de circulação formam as tribunas. A torre sineira forma pórtico com abobada de aresta entre três arcos de cantaria. A nave com paredes de excepcional espessura é coberta com uma abobada de berço entre duas abobadas cônicas, separadas por arcos duplos de cantaria, sendo encimada por terraço de cobertura. As esguias pilastras que demarcam os sucessivos planos são coroadas por coruchéus altos e robustos. A portada central é neoclássica e tem um medalhão da Senhora da Assunção.<sup>16</sup>

Não só os traços desta magnífica igreja demonstram a beleza e o cuidado que seus construtores tiveram como a sua decoração é requintada.

É admitida, entretanto a possibilidade de o Tenente-Coronel José Cardoso Ramalho, ter sido nomeado por D. João V, em 1738 para o posto de capitão de infantaria com o exército de engenheiro da Capitania do Rio de Janeiro, mas desde pouco mais de dez anos antes, já vinha prestando serviços ao rei em Lisboa, na província do Alentejo e na vila de Mafra, de onde poderia ter trazido aquele sistema construtivo, tal como poderia, igualmente, se ter inspirado no mesmo sistema construtivo, nas açotéias, ou terraços que cobrem as edificações em algumas regiões do sul de Portugal, no Algarves. Lá foi ajudante de engenheiro das fortificações. Portanto Cardoso Ramalho talvez ainda antes de 1728 pudesse ter feito o plano da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Editora Conquista 1957. P. 72.

<sup>17</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Publicações do Patrimônio Artístico Nacional – vol.10. P. 54.



Apesar de a Irmandade existir desde o final do século XVII, seu compromisso só foi aprovado em 1739, ano da conclusão da igreja conforme a placa abaixo.



IMAGEM 7 – Placa com informações da Irmandade em 1739, localizada nos fundos da igreja

Aos 10 de outubro de 1739, Por provisão do bispo D. Frei Antônio de Guadalupe foi dada aos devotos de Nossa Senhora da Glória a licença pedida para erigirem de novo a sua Irmandade com aquele título e para maior obséquo serviço e culto da mesma senhora. Para memória desse fato e em comemoração do seu segundo centenário mandou a mesa administrativa colocar esta lápide aos 10 de outubro de 1939<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> Inscrição da Placa da Fundação da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro em 10 de outubro de 1939.



Nos fundos encontra-se uma cisterna protegida por guarda-corpo de cantaria.



IMAGEM 8 – Cisterna

A planta constitui dois octógonos irregulares alongados e interligados e antecidos pela base da torre sineira, cujo pé lhe serve de pórtico. A capela-mor também possui planta poligonal e se situa dentro do octógono posterior deixando corredores que levam a pequena sacristia nos fundos. No segundo piso dependências de semelhante circulação para as tribunas da referida capela-mor, dois corredores térreos levam aos púlpitos, as tribunas da nave e ao coro que percorre as duas bandas do octógono maior. A torre sineira forma na entrada da nave pórtico com abóbada de aresta entre três arcos de cantaria acima do qual se localizam o coro e no topo o campanário. A nave contém paredes de excepcional espessura e é coberta por uma abóbada de berço entre duas abóbadas cônicas separadas por arcos duplo de cantaria, possui um terraço de cobertura mais alto que o posterior. O formado pela capela-mor e sacristia tem cobertura de telhado.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> ALVIM, Sandra. *Arquitetura Colonial Religiosa*, Rio de Janeiro, 2002. Pág. 61.

No topo das esguias pilastras existem coruchéus ornamentais, que tem também a finalidade de assentar pilares de pedra. Plasticamente os coruchéus<sup>20</sup> têm a missão de diluir a forma vertical para que não ocorram rupturas drásticas na composição.



IMAGEM 9 – Estrutura com pilastra de pedra e coruchéu



IMAGEM 10 - Coruchéu

---

<sup>20</sup> RAPHAEL, Dalton A. *Arquitetura Religiosa - Estilos e Programas Arquitetônicos*. Apontamento das aulas em História da Arte Sacra na Faculdade São Bento – RJ: 2009.



A entrada é composta de três portadas de pedra portuguesa de lioz da segunda metade do século XVIII, em estilo pombalino. A portada central apresenta um medalhão de Nossa Senhora da Assunção.



IMAGEM 11 – Portada central em pedra de Lioz com o medalhão de Nossa Senhora da Assunção

Porta de jacarandá, com almofadas em forma de diamante em losangos e retângulos.



IMAGEM 12 – Portas de jacarandá - laterais e centro

A nave possui dupla ordem de pilastras e cimbras de cantaria, somadas às abóbadas, separadas por arcos duplos também de cantaria. O arco cruzeiro e o coro partem da primeira cimbra e se inserem entre duas pilastras e a cimbra superior. A capela-mor é coberta por abóboda de berço em alvenaria, com cimbra de madeira, prolongamento do retábulo e assoalho no formato de campas.

A parte elevada da capela-mor tem piso, face e degraus em granito e a base das pilastras e frontispício também da parte elevada da capela-mor é sóbria, com almofadas em forma de diamantes.

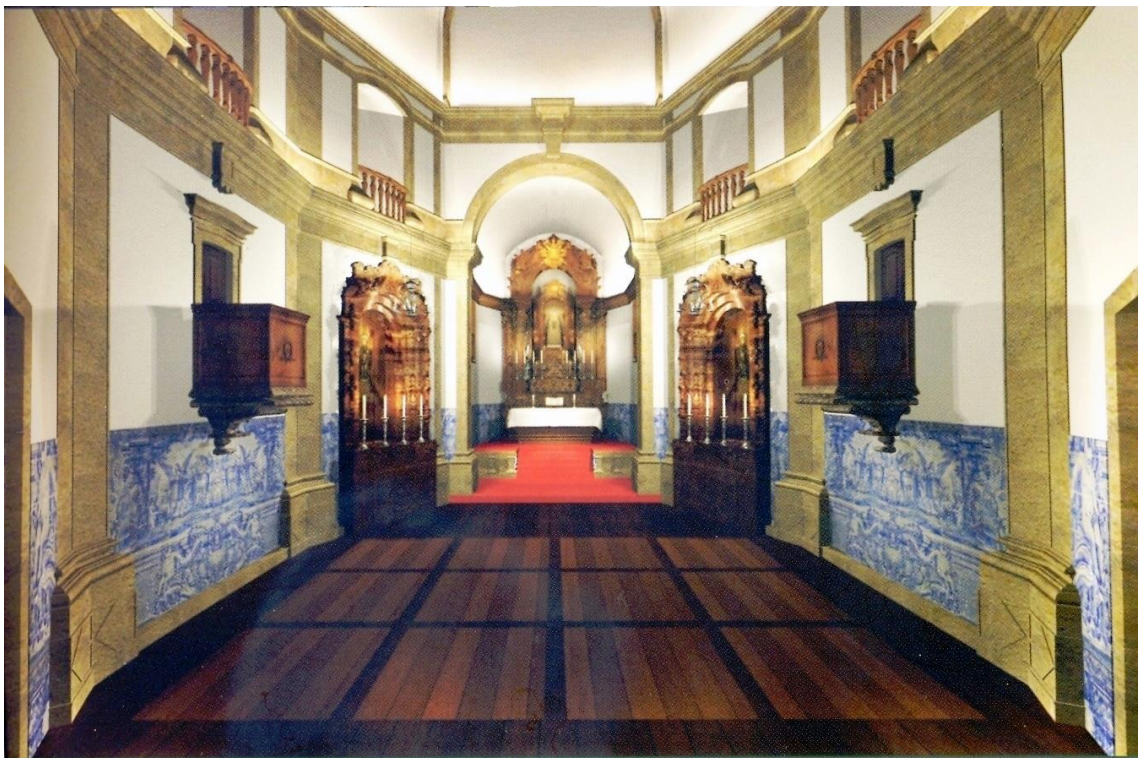


IMAGEM 13 – Vista interna da igreja

No arco-cruzeiro se manteve o escudo do Brasil Imperial, mesmo após a Proclamação da República.



Na sacristia há um arcaz do século XVIII com nicho, oratório com o Crucificado, imagem dos Santos Doutores e espelho. É adornada com azulejos, lavabos portugueses de mármore policromado da segunda metade do setecentos e teto de tábua de friso com pinturas ingênuas, enquanto que a pavimentação é toda de mármore.



IMAGEM 14 – Arcaz com as pinturas dos Santos Doutores



IMAGEM 15 – Parede da sacristia com azulejos e pavimentação em mármore





IMAGEM 16 – Pintura ingênua do teto da sacristia



IMAGEM 17 – lavabo português em mármore e pintura ingênua do teto da sacristia



A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro fica em um lugar privilegiado, próximo ao centro do Rio de Janeiro, na entrada da baía de Guanabara. A maior parte dos titulares do império morava nas proximidades, dada a frequência da família imperial.

No final do século XIX foi retirado um grande vitral que fechava o óculo próximo ao arco cruzeiro, demonstrando a preocupação da irmandade com a unidade estética de seu patrimônio. Dez anos mais tarde foi instalada a iluminação a gás a pedido do Visconde de Mauá.

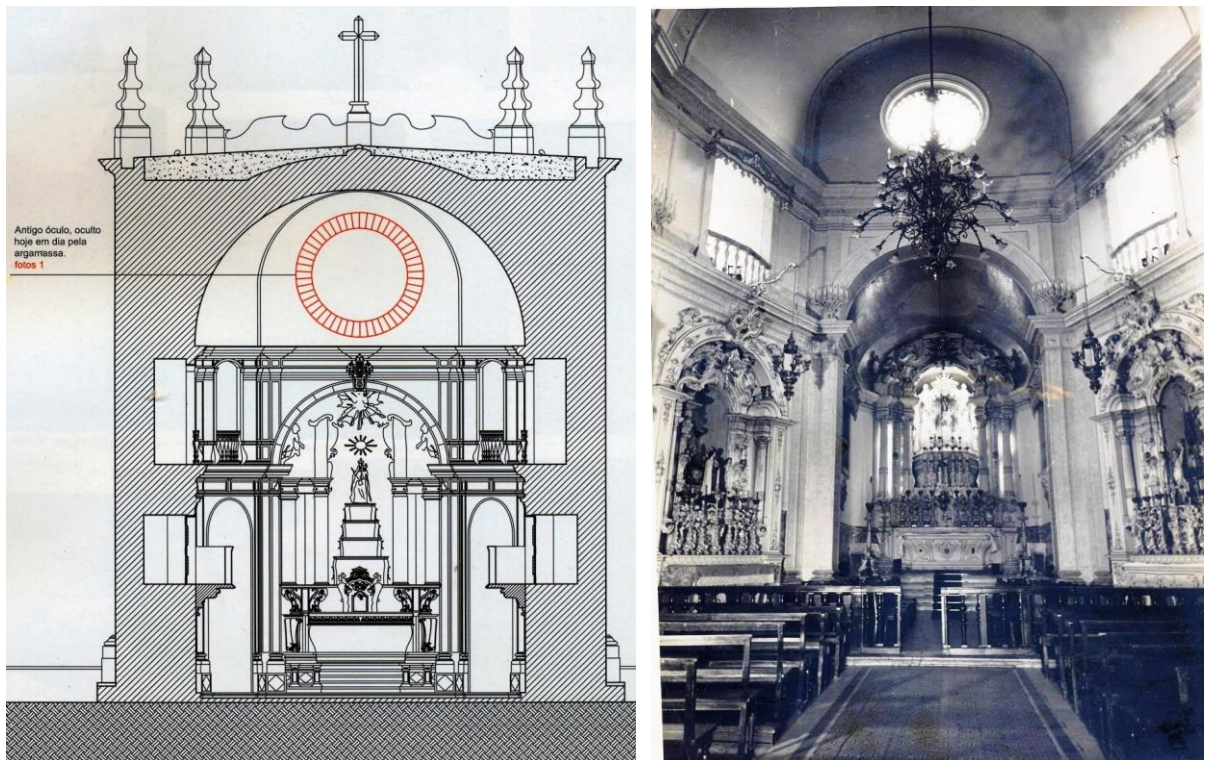


IMAGEM 18 – Ilustração e fotografia do antigo óculo que hoje é oculto pela argamassa

## CAPÍTULO 3 – A DECORAÇÃO INTERNA

### 3.1. Talha

Talha é uma técnica escultórica em que a madeira é talhada (esculpida) podendo posteriormente ser dourada, ou seja, revestida por uma película de ouro. Esta técnica, principalmente associada à arquitetura, teve um período de grande aplicação na península ibérica e respectivas colônias durante o período do barroco, onde o destaque era o jogo de volumes. Tornou-se um dos principais cunhos do barroco do norte de Portugal junto com os azulejos, nos séculos XVII e XVIII, especialmente no interior de igrejas, altares e retábulos.

Em Portugal a madeira tem a mesma importância que o mármore na Itália, ou a pedra em França, no interior das igrejas. Segundo a tradição lusitana e, sobretudo no período que medeia entre 1500 e 1800, a talha dourada e policromada aplica-se a qualquer aspecto do interior do templo, nos retábulos dos altares e em todos os seus acessórios: púlpitos, janelas, sanefas, coro, teto e arcos cruzeiros.<sup>21</sup>

No final do século XVI, surge em Portugal um tipo de retábulo que iria servir de modelo padrão durante séculos, devido ao perfil e ao ritmo de arcos repetidos dando à talha lusitana um padrão genuinamente nacional português.

---

<sup>21</sup> SMITH, Robert C. *A Talha em Portugal*. Lisboa, Livros Horizonte, 1962, p.7



### 3.1.1. Retábulos

Embora não tenha sido localizada documentação sobre a talha da igreja da Glória, para Silva Telles (1969), o altar-mor e os dois laterais, são obra tardia, provavelmente do final do século XVIII ou início do século XIX, e representam a fase de transição entre o final do rococó e o começo do gosto neoclássico. Entretanto esses retábulos estão ainda plenamente inseridos no gosto rococó.

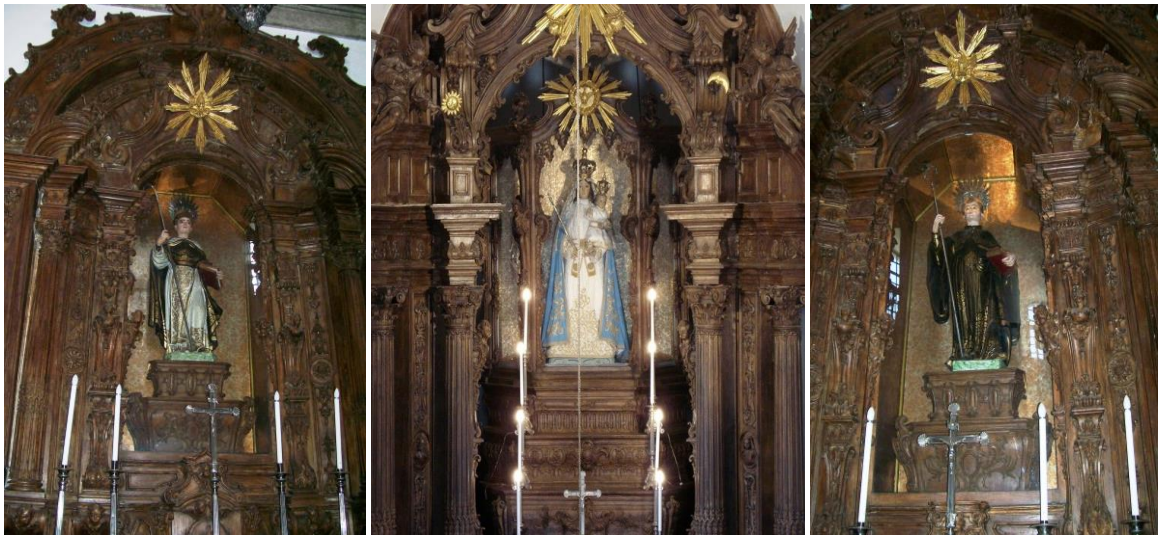


IMAGEM 19 – Talha dos altares de São Gonçalo, Nossa Senhora da Glória e Santo Amaro

A talha dos altares laterais mostra a rigidez das colunas com o fuste reto e caneluras verticais, com coroamento em frontão, que apresenta acima dos arcos superiores a decoração com tarja central e aletas laterais. Essa característica era um dos elementos de maior destaque na decoração interna dos altares rococó no Rio de Janeiro, que foi uma das primeiras cidades brasileiras a exaltar a manifestação do rococó, introduzido a partir de 1753. Poucas igrejas permaneceram com suas decorações internas do rococó religioso no Rio de Janeiro após a avalanche reformista que ocorreu a partir da segunda metade do século XIX.

Entre elas podemos citar a matriz de Santa Rita, a igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Nossa Senhora do Carmo da Antiga Sé e Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

Assim como os ornatos em talha dourada que eram aplicados na face interna das pilastras e no intradorso do arco, essa composição causava forte impacto visual. Essa mesma decoração ocorreu nos retábulos e altares da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, com colunas mais alongadas devido à altura da nave e capela-mor.

Verdade é que nas obras de talha carioca, o uso de colunas de fuste reto, totalmente estriado verticalmente com caneluras, precedeu o início do século XIX. Haja vista as colunas que ladeiam o arco-cruzeiro da igreja do Mosteiro de São Bento, obra de 1786 a 89, do Mestre Inácio Ferreira Pinto, e as que aparecem no risco da talha da capela do santíssimo da mesma igreja, existente no arquivo do mesmo cenóbio, e de autor desconhecido, mas que foram suprimidas na obra definitiva, realizada esta de 1795 a 1800.<sup>22</sup>

Mas nota-se também certa desenvoltura e liberdade nas mísulas que dão suporte às colunas, onde aparecem as cabecinhas dos anjos. Aparecem também nos anjos reclinados na parte superior do retábulo do altar-mor e nos elementos decorativos que encimam os altares laterais.

As colunas retas continuaram, portanto, vigorando nos retábulos do Rio de Janeiro, paralelamente as colunas torsas, introduzidas por Mestre Valentim, a partir de 1770, tendo permanecido na talha carioca até época bem tardia, como atestam os conjuntos do Convento de Santa Teresa, Nossa Senhora de Bom Sucesso e Santa Luzia, entre outros.<sup>23</sup>

As obras de talha da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, encontram-se hoje desprovidas de pintura e douramentos, mas sabemos que o original encontrava-se com

---

<sup>22</sup> SILVA NIGRA O. S. B, D. Clemente Maria da. *Construtores e Artistas do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro*; Salvador, 1950. P.107-8 e 160-1.

<sup>23</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.p.190.

“douramento nos ornatos e fundo branco” (PASTA 02- Série Inventário. CAIXA: RJ 064/1/01- Notação: I. RJ – 090.01). A documentação relativa a essa referência, é a ata da sessão ordinária da mesa simples da Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro datada em 31 de janeiro de 1885 que diz o seguinte:

Obras a serem feitas na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro:

Caição geral de todo o exterior da igreja e parapeito do terraço. Lavagem das cantarias, pilares, cornijas, portadas, ornamentos, etc. Pintura a óleo de todas as esquadrihas, forros, que já a terão lavado, como também até a altura de 1,50 nos corredores e escadas da torre. Retoque das pinturas do teto da sacristia. Calçamento de ladrilho nos patamares da escada que dão acesso aos púlpitos. Os dois altares laterais dos púlpitos que foram pintados a cal por sobre o dourado serão raspados a vivo, concertando-se as madeiras que podem ser encontradas deterioradas pelo tempo, pintados a branco d'ocillet e dourado (ouro de 21 quilates) na proporção deste existente no altar mor, o qual também será completamente repassado, pintado e dourado. Faz parte deste trabalho as balaustradas e ornamentos que já levaram ouro. Castiçais, quadros, todos os objetos pertencentes á igreja, altares e sacristia. A importância delas é de dezenove contos de réis (19:000\$000).<sup>24</sup>

As especificações e as condições das obras a serem feitas na Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro encontram no item 7º, que diz o seguinte:

Item 7º - Os três altares existentes, os dois púlpitos, balaustrada e mais ornamentos pintados e dourados, serão em primeiro lugar raspado até o vivo, substituindo as madeiras deterioradas pelo tempo que poderiam deixar depressões defeituosas, o que decidirá o fiscal da obra. Depois seguirá o gessamento e pintura a branco d'ocillet, pintura sem rugosidade ou asperidades. O dourado será aplicado sobre todas as saliências da escultura no mesmo gosto que distingue atualmente o altar-mor, sem diminuição e aumento do trabalho. O ouro será em toda a parte de 21 quilates. Os púlpitos hão de levar dourado, na proporção das outras peças. Todos os objetos para os serviços dos altares, como castiçais, etc., do serviço da sacristia, lambris das paredes, quadros, etc. que já levaram dourados, hão de ser de novo, depois de raspados com cuidado.<sup>25</sup>

---

<sup>24</sup> Cópias de documentos relativos à reconstrução, reparos e acréscimos extraídas do arquivo da irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Registro lançado às folhas 244 verso a 248 do livro de ata de 1868 a 1885. Extraídos a 19 de janeiro de 1940.

<sup>25</sup> Ibid.

Encontramos também a ata da sessão extraordinária da mesa simples da Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro datado de 9 de maio de 1885, tendo como Presidente o Irmão provedor Dr. Antonio Fernandes Pereira Portugal, na qual se percebe a preocupação com a qualidade dos materiais utilizados.

O irmão provedor abriu a sessão extraordinária da mesa simples que lhe fora requerida pelo irmão provedor jubilado como relator da comissão de obras, para o fim de apresentar a minuta do contrato, que será celebrado com o empreiteiro, a quem as obras foram encomendadas, e que dizia o seguinte:

Item 6º - Toda a obra que não estiver feita com material de primeira qualidade, quer seja em relação à pintura e douramento do templo, quer a respeito das outras obras e executadas com a máxima perfeição, será desfeita e feita de novo.<sup>26</sup>

As informações encontradas nos arquivos do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), já informariam que as obras originais de talha, da irmandade, tinham douramento. Encontramos também a descrição de outra obra realizada em 7 de março de 1874, que atesta as informações. É o abaixo assinado do morador da Rua da Alfândega nº 192, Jerônimo José dos Santos que declara ter contrato com a administração da Irmandade de fazer no interior e exterior da igreja as obras abaixo pela quantia de quatro contos e quinhentos mil réis (4:500\$000). São elas:

Itens 5º Limpar o ouro velho e retocar o mesmo e dar branco em geral com alvaiade fino e cola de pelica a capela-mór. 6º Dourar as rendas e emblemas dos altares laterais e os emblemas dos púlpitos e dar branco a alvaiade fino. 7º Limpar o ouro e dar branco de novo no coro, e por baixo do mesmo inutilizar o dourado e dar branco

---

<sup>26</sup> PASTA 02, Série Inventário – RJ CAIXA: RJ 064/1/01 Notação: I. RJ – 090.01. Registro lançado às folhas 3 verso a 5 do livro de ata da Irmandade de N. S. da Glória de 1885 a 1894, extraído em 20 de junho de 1940.

de novo. 8º Limpar todo o dourado e dar branco de novo, nas sanefas, tribunas serpentinas, caranguejas e banquetas que estão servindo em todos os altares.<sup>27</sup>

Em meados do século XX, toda a talha da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, encontrava-se repintada grosseiramente de branco por obras executadas em várias épocas do século XIX e primeiras décadas do século XX.

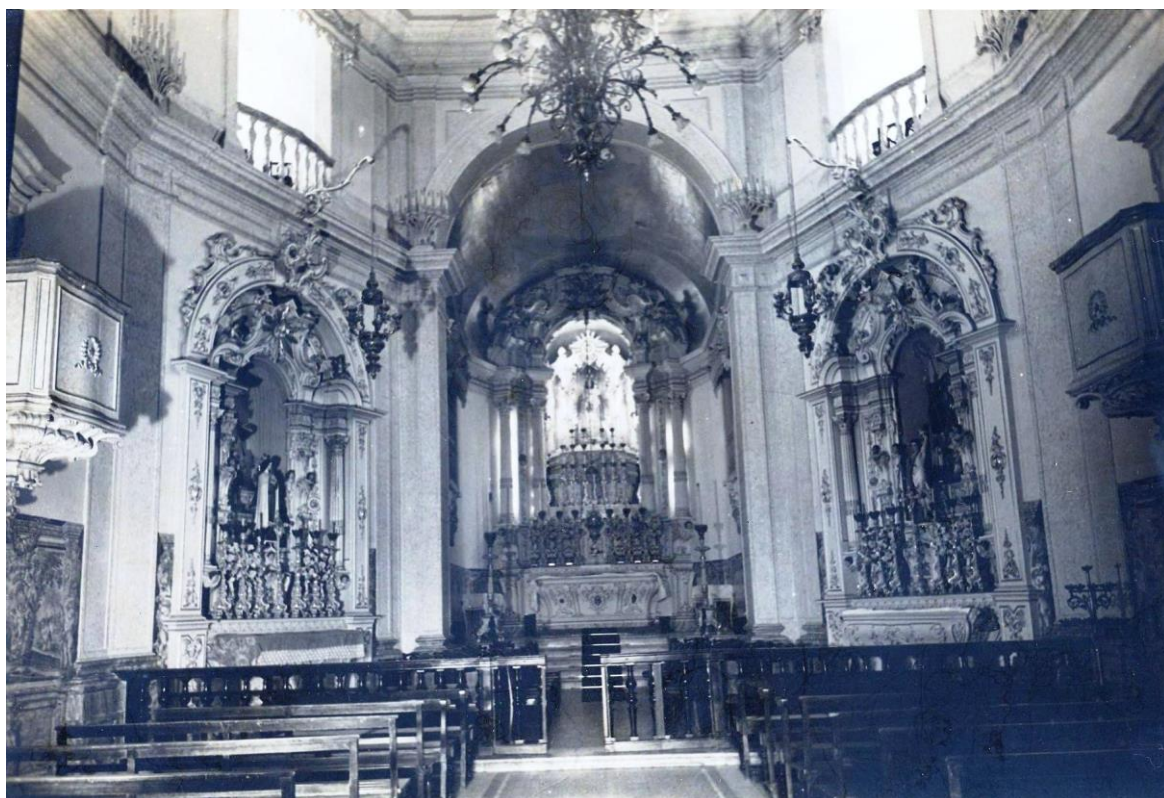


IMAGEM 20 – Fotografia interna da igreja ainda pintada de branco

Nesta época o DPHAN (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) deu um tratamento em toda a talha que se encontrava pintada de branco, deixando-a no decapê.

---

<sup>27</sup> CAIXA 1850-1879. Documentos pertencentes ao arquivo da Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, copiado em 27 de junho de 1940.



### 3.1.2. Púlpitos

Os dois púlpitos laterais foram conservados integralmente. É uma talha simples sem muito requinte. O púlpito do lado da epístola é ligado a um fato digno de ser lembrado, pois foi nele que em 15 de agosto de 1855, um dos grandes oradores sacros, Frei Francisco de Mont`Alverne, já velho, debilitado e cego, fez o seu último e derradeiro sermão a convite do Imperador D. Pedro II.



IMAGEM 21 – Púlpito onde frei Francisco de Mont`Alverne fez seu último sermão em 15 de agosto de 1855

O sermão do Frei Mont`Alverne, que foi considerado como o último, ficou registrado na memória de muitos na época. O jornal Correio da Noite do Rio de Janeiro noticiou em 18 de março de 1938 o seguinte:

No dia 15 de agosto de 1885, a convite de S. M. o Imperador, orou na festividade o insigne Padre-Mestre Frei Francisco de Mont`Alverne. Combalido pela idade e pela doença, já completamente cego, o incomparável orador, em obediência ao pedido do seu grande amigo d. Pedro II, e por devoção a S. S. Virgem da Glória quis entoar no Púlpito da Glória o seu último sermão, o seu verdadeiro canto do cisne. Perorando disse Mont`Alverne: “Longe bem longe, vão esses tempos em que, fortalecido pela mocidade, devorado pelo mais acendido entusiasmo, celebrei nesse mesmo púlpito a glorificação desta criatura incomparável a quem o Imperador considera a sua inefável protetora. A minha missão na terra está terminada”. Concluído esse sermão o velho sacerdote desceu a escada e sem querer ouvir mais palavras meteu-se em sua cela onde morreu pouco depois.<sup>28</sup>

Sabemos também que os púlpitos que se encontram hoje no decapê, também já foram dourados de acordo com o ofício nº 111 do então provedor Thiers Fleming enviado em 15 de janeiro de 1940 ao Dr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade, que diz o seguinte no item 11:

Nave item 11º não será preferível, sendo os púlpitos de cedro, a ficarem descobertos, a serem pintados de branco e com fios de ouro como os altares e como já foi?<sup>29</sup>

---

<sup>28</sup> PASTA 02 Série Inventário – RJ - Caixa: RJ 064/1/01-Notação: I. RJ – 090.01 Lux Jornal. Jornal Correio da Noite. Rio de Janeiro, 18 de março de 1938.

<sup>29</sup> Serie Obra, Pasta nº 1785 parte 2. DOC, 1303-2 IPHAN, Armário I Gav. 13 Pasta 62. Of. nº 111 de Thiers Fleming para Rodrigo de Mello Franco. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1940.

As bacias dos púlpitos são de pedra de lioz vinda de Portugal, e segundo Silva Telles (1969), datam do final do setecentos, assemelhando-se na composição às talhas da bacia do coro.



IMAGEM 22 – Bacia do púlpito em detalhe - pedra de Lioz



### 3.1.3. Coro

O coro está localizado no corpo da torre por cima do pórtico da entrada da nave que por sua vez está encimado pela sineira. A talha é simples diferentemente da bacia que possui um tímido requinte na composição das rocalhas.



IMAGEM 23 – Coro com detalhe da talha da bacia

Possui ainda um órgão, uma escada de cantaria, à direita, formando blocos monolíticos de coluna central que leva ao campanário e ao terraço superior. A talha do coro também tinha douramento assim como os altares e os púlpitos de acordo com as informações encontradas nos arquivos do IPHAN. “Não será preferível descobrir a pintura do coro e conservar-se o dourado que existia”? (Arquivo IPHAN Serie Obras, Pasta nº 1785 parte 2 - Documento 1303-2 - Armário I Gaveta 13 Pasta 62).

### 3.2. Azulejaria

Segundo o historiador português especialista em azulejaria, José Meco<sup>30</sup> (1985), o termo azulejo é uma designação portuguesa e castelhana derivada do termo árabe *Al zulaicha*, ou *zuleija*, que significa ladrilho, a qual não tem qualquer relação com a palavra *azul*, (termo persa لاژورد: *lazhward*, lápis-lazúli) dado grande parte da produção portuguesa de azulejo se caracterizar pelo emprego maioritário desta cor, mas a real origem da palavra é árabe.

Azulejo é uma peça de cerâmica de pouca espessura, geralmente quadrada, em que uma das faces é vidrada, resultado da cozedura de um revestimento denominado como esmalte, que se torna impermeável e brilhante. Esta face pode ser monocromática ou policromática, lisa ou em relevo. O azulejo é geralmente usado em grande número como elemento associado à arquitetura, em revestimento de superfícies interiores ou exteriores ou como elemento decorativo isolado. Os temas oscilam entre episódios históricos, cenas mitológicas, iconografia religiosa e de elementos decorativos geométricos, aplicados a paredes, pavimentos e tetos de palácios, jardins, edifícios religiosos e habitação pública e privada. Com diferentes características entre si, o azulejo tornou-se um elemento de construção divulgado em diferentes países, assumindo-se em Portugal como um importante suporte para a expressão artística nacional ao longo de mais de cinco séculos, onde transcende para algo mais do que um simples elemento decorativo de pouco valor intrínseco.

Este material convencional é usado pelo seu baixo custo, pelas suas fortes possibilidades de qualificar esteticamente um edifício de modo prático.

---

<sup>30</sup> MECO, Jose. *Azulejaria Portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora, 1985.

De forte sentido cenográfico descritivo e monumental, o azulejo é considerado hoje como uma das produções mais originais da cultura portuguesa, onde se dá a conhecer, como num extenso livro ilustrado de grande riqueza cromática, não só a história, mas também a mentalidade e o gosto de cada época.

Atualmente, a procura por azulejos tem se dado menos por seu valor decorativo e mais por suas características impermeabilizantes, sendo muito utilizado em cozinhas, banheiros e demais áreas hidráulicas.

### **3.2.1. Aspectos históricos**

Não foi só a talha que no século XVIII desempenhou um papel predominante nas artes decorativas no Brasil. O azulejo também assume como forma de estruturar e dinamizar espaços arquitetônicos. Os azulejos da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, datados com segurança segundo o professor João Miguel dos Santos Simões<sup>31</sup>, de 1735 a 1740, são atribuídos à oficina do mestre ceramista Valentim de Almeida.

Os painéis historiados substituem a talha como ornamentação e decoração da nave, do altar-mor, da sacristia e do coro da igreja. O conjunto impressiona pela sobriedade e pelo colorido. Esses painéis apresentam desenho monocromo azul com fundos brancos, e tanto os da nave quanto os da capela-mor, apresentam nos emolduramentos, características da composição barroca joanina.

---

<sup>31</sup> SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. P. 185-6.

A barra dos azulejos setecentistas é composta de dezesseis ao alto enquanto na capela-mor, foram reduzidos a dez.

Na nave encontram-se seis painéis historiados e outros seis com repetição dos mesmos temas. Na capela-mor, as barras se diferenciam pela moldura. Nos panos estreitos da parede e nos intervalos entre as obras de talha e as pilastras, os azulejos formam composição, juntos, com os elementos dos emolduramentos, dando continuidade à barra.

O fato de terem sido fabricados especialmente para os lugares onde se encontram, haja “vista a medida dos seus painéis e dos panos de paredes assim como os términos das bases das pilastras, serve para confirmar a época da edificação da igreja propriamente dita” (TELLES, 1969, p. 19).

### **3.2.2. Forma e estilo**

Quanto à forma e estilo, trata-se de obra da fase final do barroco joanino em Portugal, datada pelos especialistas de cerca de 1735 a 1745. Os azulejos precedem, portanto, os retábulos atuais, o que sugere a possibilidade de altares anteriores ao do período rococó.<sup>32</sup>

Toda azulejaria que adorna a nave, capela mor, sacristia e o coro da igreja, revelada no desenho monocromo azul com fundo branco, direciona-nos ao estilo confeccionado pela oficina do mesmo autor, o “mestre ceramista Valentim de Almeida” (TELLES, 1969, P. 18).

---

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; JUSTINIANO, Fátima. *Barroco e rococó nas igrejas do Rio de Janeiro*. Roteiros do patrimônio. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008. Vol.3. P. 87.

Esses azulejos formam elementos estruturadores do volume interno e da harmonia compositiva apresentados no desenho com curvas volumosas e sua continuidade ao longo da nave e capela-mor, quebra a rigidez da construção, definida por planta de nave poligonal.

Como a planta da igreja é composta por dois octógonos, dando-lhe a forma de um número oito (8), os espaços curvos especialmente elípticos, são uma forma típica do barroco que fazia a sua estreia na arquitetura do Rio de Janeiro juntamente com a referida igreja.

Um dos octógonos é ocupado pela nave curva da igreja, enquanto o outro é ocupado pela sacristia. O interior da nave transmite uma sensação de monumentalidade, graças às pilastras de cantaria e ao teto abobadado.

A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, foi uma das primeiras igrejas coloniais brasileiras a utilizar planta poligonal no estilo barroco. A forma geral da igreja, de dois octógonos com torre na entrada, não tem antecedentes no Brasil.

### **3.2.3. Iconografia**

Os painéis de azulejos portugueses que revestem toda a parte interior da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, chamam a atenção pelos desenhos e o monocromo azul com fundo branco.

Na igreja propriamente dita, a barra se compõe de dezesseis azulejos ao alto, os quais, na capela-mor, ficam reduzidos a dez, na proporção do desnível do presbitério. Formam seis painéis historiados na nave e outros seis, com repetição dos mesmos temas, na capela-mor; as barras se diferenciam pelo emolduramento – um tipo na nave, outro na capela-mor. Nos panos estreitos de parede e nos intervalos entre as obras de talha e as pilastras, os azulejos formam composição com elementos dos emolduramentos, dando continuidade a barra.<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> TELLES, Augusto C. da Silva. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro, Agir, 1969. P.18.

O provedor Thiers Fleming durante o seu governo teve interesse no significado da iconografia desses azulejos pedindo ao erudito Frei Pedro Sinzig O.F.M.<sup>34</sup>, a interpretação desses painéis através do ofício nº 27 datado de 31 de outubro de 1940, que diz o seguinte:

Por uma feliz lembrança do Exmo. Sr. Padre Dr. Newton de Almeida Baptista tenho a honra de pedir-vos, em nome da administração da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, o grande obsequio de fazer uma análise explicativa dos antigos e ricos azulejos que ornaram a capela. Confiando em vossa reconhecida erudição e alto espírito de bondade, a administração está certa que prestareis mais este relevante serviço à religião e a arte que tanto já vos devem. Antecipando sinceros agradecimentos, reintero-vos meus protestos de elevada estima e distinta consideração.<sup>35</sup>

A resposta do Frei Pedro Sinzig ao provedor Thiers Fleming foi a seguinte:

Exmo. Sr. Provedor Thiers Fleming. Tendo estado ausente do Rio, só muito tarde recebi o prezado favor de V. Exc. datado de 31 de outubro, em que me pede uma análise explicativa dos painéis de azulejos da linda igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Fui velos ontem à tarde e tenho o prazer de apresentar-lhes hoje uma explicação que não passa de hipóteses, mas não parece encontrar direta ou evidente por parte dos quadros. Talvez tenha o mérito de guiar os entendidos a apresentarem coisa melhor. Pedindo desculpas a insuficiência de minha pobre explicação, Sou de V. Exc. Frei Pedro Sinzig, O. F. M. Rio de Janeiro, Convento de Santo Antonio, 21 XI 1940.<sup>36</sup>

Diante da alegria que tomou o erudito Frei por ter sido lembrado pelo provedor Thiers Fleming, fez imediatamente a análise abaixo e enviou-o para a apreciação.

---

<sup>34</sup> Frei Pedro (1876-1952), assim ele era chamado e conhecido. Naturalizou-se brasileiro em 1898, às vésperas de sua ordenação sacerdotal na Bahia. Pertenceu ao grupo dos primeiros Franciscanos alemães que restauraram a Província. Chegou ao Brasil ainda noviço em 1893. Faleceu em dezembro de 1952, em Düsseldorf, Alemanha.

<sup>35</sup> IPHAN - Arquivo Central- Série Inventário - RJ 063/3. Doc. 1055, Armário I Gav.12 Pasta 56 ofício 27, p. 62.

<sup>36</sup> IPHAN- Arquivo Central- Série Inventário - RJ 063/3. Doc. 1054-2 Armário I Gav. 12 Pasta 56.

Não se tratando de um fato ou de uma lenda da história de Portugal, onde devem ter vindo os painéis de azulejos, é de supor que o assunto escolhido; (A) seja sacro (B) tenha alguma relação com a padroeira, Nossa Senhora da Glória. Predominam nas 3 figuras: um peregrino, um anjo e uma mulher, caracterizada como rica. Faltando de todo, como fui informado, os documentos de encomenda, venda e recebimento dos azulejos, bem como outros quaisquer, contemporâneos da sua aquisição: - não sendo, por outro lado, o assunto dos mais comuns nem havendo, que eu saiba interpretação de entendidos na matéria, não ousou dizer que significam isto ou aquilo, mas dou apenas uma hipótese, aplicando-a a todos os quadros em questão e deixando a aceitação ou não ao livre arbítrio de cada um. Suponhamos que o pintor quisesse ilustrar o Livro de Tobias das escrituras: Os quadros, todos, teriam sua explicação.

Começemos a examiná-los, principiando do lado da epístola na entrada da igreja. Esse 1º quadro – não apresenta dificuldades: Tobias, de acordo com a tradição, é caracterizado pelo bastão de viajante, acompanhado ou não de “Azarias”, o anjo Rafael, que aparece nos demais quadros, mas em companhia de Sara.



IMAGEM 24 – Primeira barra de azulejo analisado pelo Frei Pedro Sinzig - Epístola

O 1º quadro do lado oposto – (evangelho), tem mais figuras: Tobias com o anjo é inconfundível. Quem será porem, a mulher com espada no peito, lamentada por duas empregadas? O próprio Tobias dela fala ao anjo: “Eu sei (Tob. VI. 14) que Ela (Sara) fora já casada com sete maridos, e que morreram: e também soube que um demônio os matará.” Como toda a israelita Sara deseja casar-se e ser mãe, com vista ao futuro Messias.

Um por um dos maridos, porem em castigo de excessiva sensualidade, foi morto, o que era, cada vez mais, uma verdadeira espada no coração de Sara. – Que essa espada não a matasse se verá pelos quadros que seguem.





IMAGEM 25 – Primeiro painel analisado pelo Frei Pedro Sinzig - Evangelho

O 2º painel do lado da epístola – O verso citado (Tob. VI. 14) é evocado ainda por uma cena especial: Sara deitada no leito. É protegida por uma figura com espada na mão erguida, mas o anjo explica a Tobias: (Tob. 16. 17) “Ouve, e eu te mostrarei quais são aqueles, sobre quem o demônio tem poder. Estes são, pois, o que se casam de maneira, que lançam a Deus fora de si e do seu espírito, e se entregam tanto ao seu deleite, como o cavalo e o macho, que não tem entendimento: então tem o demônio poder sobre eles”?



IMAGEM 26 – Segundo painel analisado pelo Frei Pedro Sinzig – Epístola



O 2º painel do lado do evangelho: Tobias dá a Sara um medalhão com o retrato dela mesma: é que Sara diante de tantos maridos mortos, não sabia si eles eram culpados ou ela mesma; (Tob. III. 18. 19) “Eu, porém, consenti a receber marido no teu temor e não por prazer meu. E, eu fui indigna deles, ou talvez eles não fossem dignos de mim.: porque tu acaso me tens reservado para outro marido.” Esse outro, agora, fala conhecer-se a si mesma, e que a culpa não tinha sido dela.



IMAGEM 27 – Segundo painel analisado pelo Frei Pedro Sinzig – Evangelho

O 3º quadro do lado da epístola – Tobias e Sara na noite de núpcias, abstendo-se, puros, cantam os louvores de Deus (Sara com harpa): “Então (Tob. VIII. 4) exortou Tobias a donzela e lhe disse: Sara, levanta-te, e façamos oração a Deus hoje e amanhã e ao outro dia, porque essas três noites nos uniram a Deus, e depois da terceira noite, viveremos no nosso matrimônio.”



IMAGEM 28 – Terceiro painel analisado pelo Frei Pedro Sinzig – Epístola

O 3º quadro do lado do evangelho: Sara, no centro, recebe frutos (filhos) do marido Tobias, acompanhado por Rafael e outro anjo que será o de guarda dele ou dela.



IMAGEM 29 – Terceiro painel analisado pelo Frei Pedro Sinzig – Evangelho



Os painéis do presbitério, não carecem de explicação, porque são a repetição dos da nave da igreja. O assunto escolhido, além de ser sacro, relaciona-se dom a S. S. Virgem: - Sara foi insultada pela própria criada, como “interfectora” de 7 homens; mas teve a sua justificação. – Nossa Senhora era tida por mãe de um sentenciado, mas, de há muito, transformou-se em Nossa Senhora da Glória. Frei Pedro Sinzig, O. F. M. Rio, 21. XI. 40.<sup>37</sup>



IMAGEM 30 – Barra de azulejos do altar-mor - Epístola



IMAGEM 31 – Barra de azulejos do altar-mor - Evangelho

<sup>37</sup> IPHAN Arquivo Central- Série Inventário - RJ 063/3. Documento 1054-2 – Armário I Gaveta 12 Pasta 56.



Os painéis de azulejos da sacristia são cenas profanas de caça e pesca.



IMAGEM 32 – Barra de azulejos da sacristia – cena profana de caça



IMAGEM 33 – Barra de azulejos da sacristia – cena profana de pesca



Nos painéis de azulejos do coro, aparecem personagens do Antigo Testamento, como Judas, Feres, Isaac, Aminabad, Aram e Naazan, em um cenário de paisagens.



IMAGEM 34 – Barra de azulejos do coro alto com personagem do antigo Testamento - Judas



IMAGEM 35 - Barra de azulejos do coro alto com personagem do Antigo Testamento – Isaac

Para dar mais segurança à veracidade das explicações feitas pelo Frei Pedro Sinzig, o provedor Thiers Fleming recorre ao amigo Luís Gastão D'escragnolle Dória<sup>38</sup>, que também tinha certa erudição no assunto e respondeu o seguinte:

Exmo. Sr. Capitão de Mar e Guerra Thiers Fleming. Muito digno Provedor da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Acuso o recebimento do ofício de v. Ex. sob o nº 91 de 27 de novembro próximo passado, agradecendo a V. Ex. a confiança no que eu possa saber e as expressões com as quais V. Ex. me enviou a versão explicativa dos azulejos da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, à qual não poucos estudos tenho dedicado na imprensa, de longa data, em artigos muitos dos quais ilustrados. Realmente tentei alcançar o significado dos citados azulejos examinando-os a luz da História Universal e da Sagrada. Não consegui chegar à conclusão alguma aceitável a benefício do templo que prezo e onde existe quadro votivo da autoria do Barão de Taunay, meu avô materno. Como V. Ex. considero os títulos e a ilustração de Frei Pedro Sinzig dignos do mais alto apreço. No exercício desta apreciei longamente a versão apresentada por Frei Pedro; versão cujo conhecimento devo a V. Ex. Frei Pedro como eu, lutou com a carência absoluta de documentos próprios para esclarecimento completo do caso: Isso, à espera de revelação futura, reduz o assunto a hipóteses. Uma a formulou Frei Pedro, hairindo-a dos seus conhecimentos, sobretudo da Sagrada Escritura, apresentando-a com deduções e aproximações de prezar. No meu sentir convém aceitar a versão dada por Frei Pedro, com tanta boa fé e modéstia, e digamos nós com autoridade, até que milagrosamente o que é possível em se tratando da Virgem se venha a encontrar verdade incontestável que descubra o autor da obra dos azulejos e a sua exata significação. Retribuo a V. Ex. os sentimentos de elevada estima e distinta consideração que houve por bem exprimir-me. Rio de Janeiro, 1º de Dezembro de 1940.<sup>39</sup>

Diante das explicações dos dois estudiosos no assunto, Thiers Fleming faz um comunicado a diretoria do IPHAN através do ofício de nº 88 que dizia o seguinte:

Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1940. Do Provedor da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, Ao Exmo. Sr. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Assunto: Significação dos Azulejos da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro.

---

<sup>38</sup> Luís Gastão D'escragnolle Dória (1969-1948), nasceu no Rio de Janeiro. Foi professor, arquivista, compositor, libretista, escritor e membro do IHGE (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro).

<sup>39</sup> Arquivo IPHAN, Armário I Gav. 12 Pasta 56 – Doc. 1054-2. Cópia do documento feito em 25/05/1965, P. 58.

É com grande prazer que dou conhecimento a essa douta repartição da versão apresentada pelo erudito Frei Pedro Sinzig explicando os quadros e painéis de azulejos que ornaram a nave da igreja. Reintegro-vos meus protestos de elevada estima e distinta consideração. Thiers Fleming – Provedor.<sup>40</sup>

Aproveitando a idéia do Dr. Raymundo Ottoni de Castro Maya em colocar um quadro com as explicações dos azulejos explanados pelo Frei Pedro Sinzig em um lugar acessível aos visitantes, em 8 de abril de 1941, Thiers Fleming encaminha outro ofício sob o nº 124 para o diretor do IPHAN, na época, Dr. Rodrigo de Melo Franco de Andrade, que dizia o seguinte:

Do: Provedor da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. AO: Exmo. Sr. Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Assunto: Azulejos da Capela. Conforme a informação que vos dei no ofício nº 91 de 27 de novembro de 1940, o Exmo. Revmo. Frei Pedro Sinzig, O. F. M, apresentou um estudo dando a significação dos painéis de azulejos da capela de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Nosso Caro irmão benfeitor e zelador do monumento artístico da capela, Dr. Raymundo Ottoni de Castro Maya, propôs que se colocasse um quadro com essa explicação, em lugar acessível aos visitantes da capela, que mostram, sempre, real interesse pela significação desses painéis. Tratando-se de uma sugestão muito interessante venho rogar-vos a fineza de dar vossas instruções a respeito. Antecipando sinceros agradecimentos, reintegro-vos meus protestos de elevada estima e distinta consideração.<sup>41</sup>

Na preservação do aspecto histórico do monumento, a resposta do diretor do IPHAN, Sr. Rodrigo de Melo Franco através do ofício nº 245 em 15 de abril de 1941, relata o seguinte:

Senhor Provedor: Em respostas ao vosso ofício nº 124, de 8 de abril corrente, cumpre-me ponderar-vos que, pelo inconveniente que resultaria da introdução de um móvel ou de um quadro de dimensões apreciáveis no interior da igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, será preferível fazer-se por meio de uma publicação o aproveitamento do Dr. Raimundo Ottoni de Castro Maya, no sentido de divulgar a interpretação dada pelo ilustre Frei Pedro Sinzig aos painéis de azulejos existentes na mesma igreja. A esse propósito, ocorre esclarecer que este serviço tem o mais vivo empenho de contribuir para propagar-se o conhecimento e a compreensão de

---

<sup>40</sup> Arquivo IPHAN, Documento 1056, Armário I Gaveta 12 Pasta 56 - ofício 88, p. 54.

<sup>41</sup> Arquivo IPHAN, Documento 1097, Armário I Gaveta 12 Pasta 57- ofício 124, p. 56.

todos os valores artísticos e históricos que enriquecem a igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, mas sem que esse objetivo venha a prejudicar o aspecto tradicional do monumento. Neste ansejo, reintero-vos os protestos do meu elevado apreço.<sup>42</sup>

A explicação mais recente e que permanece até o momento sobre o significado dos azulejos da nave da igreja de Nossa Senhora da Glória, encontra-se no livro do professor João Miguel dos Santos Simões que analisou e explicou como sendo inspirados no Cântico dos Cânticos, do Antigo Testamento, uma temática bastante comum na azulejaria portuguesa, onde aparece à alegre “Sulamita com um anjo e um pastor, em cenas de jardins tocando instrumentos musicais e fazendo grinaldas de flores” (TELLES, 1969, p. 19).

Esta temática é bastante comum na azulejaria portuguesa, desde o princípio do século XVIII. Lembro, como típicos, os azulejos da sacristia da Igreja de Santa Cruz de Santarém. Os artistas que glosaram os *Cânticos dos Cânticos* inspiraram-se em cenas pastoris, tendo, como figura central, a apaixonada Sulamita, rodeada das suas companheiras, tangendo instrumentos ou construindo grinaldas de flores. Nalgumas cenas aparece a figura do “esposo” como pastor e ainda de um anjo com grandes asas. Estes elementos iconográficos induzem por vezes em erro interpretativo, podendo confundir-se com passos do *Livro de Tobias*, onde o jovem é acompanhado do anjo Gabriel.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> Arquivo IPHAN - Armário I Gaveta 12 Pasta 57- Documento 1098 – ofício 245, p. 57.

<sup>43</sup> SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria portuguesa no Brasil (1500-1822)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1965. Nota 20, P. 185.



## CAPÍTULO 4 - IMAGINÁRIA

### 4.1. Iconografia e estilo

De acordo com a ficha de catalogação do acervo de inventário do museu<sup>44</sup> da igreja, o estilo das imagens encontradas nas igrejas, como a de Nossa Senhora da Glória, São Gonçalo do Amarante e Santo Amaro, as situa como pertencentes ao século XIX.

A técnica é a do entalhe e o material utilizado é a madeira policromada e metal (prata) nas coroas. A imagem de vestir de Nossa Senhora da Glória possui também cabelos naturais. Sobre a imagem de vestir a descrição encontrada no acervo organizado pela irmã Yolanda Marcondes Portugal diz o seguinte:

As imagens vestidas, como a de Nossa Senhora da Glória, são comuns nas nossas igrejas antigas. O vestuário encobre o que se chama corpo de Roca. Consiste este em uma armação de sarrafos de madeira ou de arame que sustenta a cabeça e o braço. O corpo de roca tinha a sua razão de ser no tempo em que os santos eram carregados nas procissões de longo percurso, porque os tornava mais leves.<sup>45</sup>

Outros dados importantes sobre essas imagens como autoria, origem de fabricação, procedência e modo de aquisição ainda não foram encontrados.

---

<sup>44</sup> Museu da Imperial Irmandade de Nossa senhora da Glória do Outeiro. Ficha de catalogação de acervo. Inventário nº 819 p. 1-2.

<sup>45</sup> Guia Catálogo do museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Organizado pela irmã Yolanda Marcondes Portugal. RJ, 1949. P.11.

#### 4.1.1. Nossa Senhora da Glória

A devoção a Nossa Senhora da Glória no Brasil vem do século XVII, quando o ermitão Antônio Caminha, constrói uma pequena ermida de taipa no morro do Outeiro da Glória, à Virgem, que naquela época era um lugar deserto.

Apesar de liturgicamente o título de Nossa Senhora da Glória ser o mesmo da Assunção, sua representação iconográfica é diferente, pois, enquanto nesta última invocação Maria aparece subindo ao céu, rodeada de anjos e sem o Menino Jesus, na primeira ela é representada com seu divino filho nos braços, coroa de rainha e cetro na mão, ou então sendo coroada pela Santíssima Trindade na Pátria Celestial. Maria, criatura privilegiada por ter sido isenta do pecado original é escolhida para ser a Mãe do Filho de Deus, subiu ao céu de corpo e alma, tendo sido recebida triunfalmente na Glória Eterna. Seu corpo imaculado não poderia ser desfeito na sepultura como um corpo qualquer. É dogma de fé que ela ressuscitou gloriosamente, sem ter sofrido a menor corrupção. Nossa Senhora da Glória possuía muitos devotos no período inicial da civilização brasileira. Além da capela construída em Porto Seguro em 1503, muitas outras edificadas em seu louvor atestam o carinho popular à Virgem Gloriosa. Uma das mais famosas é a de Nossa Senhora da Glória do Outeiro do Rio de Janeiro, edificada no século XVIII e ligada à romântica lenda daquele que foi seu primeiro ermitão e que por desgosto de amor dedicou sua vida a cuidar do templo da Rainha do Céu. Em homenagem à santa, d. Pedro I deu o nome de Maria da Glória à sua filha primogênita, mais tarde d. Maria II, rainha de Portugal. No dia 15 de agosto, data em que Maria entrou triunfalmente de corpo e alma na Pátria Celestial, é celebrada solenemente a festa de Nossa Senhora da Glória, que do alto do Outeiro abençoa os habitantes da Cidade Maravilhosa<sup>46</sup>.

Maria aparece pela última vez nos escritos do Novo Testamento logo no primeiro capítulo nos Atos dos Apóstolos. Ela está no meio deles, em oração, aguardando a descida do Espírito Santo. Esta celebração foi decretada no Oriente no século VI pelo imperador bizantino Flávio Maurício Tibério Augusto - Maurício I (539-602).

---

<sup>46</sup> MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos*. Vidas e milagre dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. P. 27-28.

No mesmo século a festa da Dormitio (passagem para outra vida) foi introduzida também em Roma pelo papa Sérgio I (650-701). Passou-se um século antes que o termo dormítio cedesse o lugar àquele mais explícito de Assunção.

A definição dogmática, pronunciada pelo papa Pio XII (1876-1958) em 1950, declarando que Maria não precisou aguardar como as outras criaturas, o fim dos tempos, para obter a ressurreição corpórea, quis pôr em evidência o caráter único da sua santificação pessoal, pois o pecado nunca ofuscou, nem por um instante, o brilho de sua alma. A união definitiva, espiritual e corporal do homem com Cristo glorioso, é a fase final e eterna da redenção. Assim os santos, que já tem a visão beatífica, estão de certo modo aguardando a plenitude final da redenção, que em Maria já havia acontecido com a singular graça da preservação do pecado.

Jesus e Maria estão associados na dor e no amor para espiarem a culpa dos progenitores. Maria é, portanto não só a mãe do Redentor, mas também a sua cooperadora, a ele intimamente unida na luta e na decisiva vitória. Essa íntima união requer que também Maria triunfe como Jesus, não somente sobre o pecado, mas também sobre a morte.

Como a redenção de Cristo tem a sua conclusão com a ressurreição do corpo, também a vitória de Maria sobre o pecado, com a Imaculada Conceição, devia ser completa com a vitória sobre a morte mediante a glorificação do corpo com a Assunção, pois a plenitude da salvação cristã é na participação do corpo na glória celeste.

## **Assunção de Nossa Senhora**

Os cristãos sempre comemoraram a festa da elevação de Maria ao céu, entretanto só em 1950 o Papa Pio XII proclamou este dogma já aceito pelo povo desde o tempo dos Apóstolos. Existem muitas atribuições a Maria, porém esta foi classificada como Nossa Senhora da Assunção ou Glória, que ligada à história portuguesa, ganha projeção além-mar.

Devido à morte prematura do Rei D. Fernando em 1385, sem deixar herdeiro masculino direto, fez com que o reino Castela cobiçasse a coroa lusa. O povo indicava o Mestre de Avis para a sucessão. Inconformados com a decisão popular os castelhanos iniciaram a guerra. Foi às vésperas da Assunção que se travou a batalha de Aljubarrota. O Mestre de Avis D. João I liderava seu exército enquanto o exército inimigo atravessava a fronteira. Mesmo a par da superioridade inimiga, Portugal confiava na vitória acreditando na proteção da Virgem Maria, cuja festa seria no dia seguinte.<sup>47</sup>

Momentos antes do confronto, D. João I prometeu construir um grande templo em sua honra se os lusitanos ganhassem. A coragem renasceu entre seu exército e pouco depois, surpreendentemente, os inimigos recuaram fugindo desordenadamente.

Como se não bastasse, ao mesmo tempo na cidade de Lisboa, não se sabe como, correu a notícia da vitória dos portugueses no mesmo instante em que os soldados de Castela se retiravam de Aljubarrota. O povo afirmou que quem espalhou a notícia foi um jovem de capa vermelha, referindo-se a São Jorge. Contudo esperaram a noite inteira em expectativa, mas só no dia seguinte chegou a notícia da vitória através de um mensageiro oficial, quando o povo já lotava os templos para agradecer a vitória.

---

<sup>47</sup> PEIXOTO, Afrânio. *A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Publicações do Patrimônio Artístico Nacional – vol.10, P. 32.

D. João I ordenou que todas as catedrais do reino fossem dedicadas a Nossa Senhora da Assunção e mandou construir o famoso convento da Batalha em cumprimento de seu voto feito em 14 de Agosto de 1385.

Transferindo-nos para o Rio de Janeiro, segundo o romancista José de Alencar (1964), um corsário português chamado Aires de Lucena, após derrotar um pirata calvinista francês que atacara seu navio na Baía de Guanabara, em 15 de Agosto de 1608, colocou no nicho da proa de sua escuna uma imagem de Nossa Senhora da Glória.

Durante a comemoração da Assunção de Maria, a imagem teria desaparecido do nicho indo parar numa gruta no alto da colina iluminando a mata com seu resplendor. Emocionado o marujo prometeu construir-lhe uma capela naquele local quando terminasse suas viagens pelo mar.

A santa deslizou pela montanha sem tocar chão ou água e voltou para proa da embarcação. Após alguns anos perde sua filha de criação, que era na verdade, a filha do corsário francês que ela havia criado após a tragédia marítima que vitimou seus pais. Aires era apaixonado pela jovem e após sua morte ele abandonou a vida marítima e colocou a Imagem de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Glória na gruta do outeiro escolhido por ela há muitos anos atrás. Vestiu a túnica dos eremitas e cuidou da Virgem o resto de sua vida. Diz à tradição que a Imagem foi esculpida por um conterrâneo de Aires chamado Antônio Caminha, que inclusive o substituiu no cuidado da Santa após sua morte e em 1671 construiu a primeira ermida de taipa no morro da Glória. Mais tarde quando Caminha faleceu, foi fundada a Irmandade de Nossa Senhora da Glória que edificou a atual igreja. Além desta imagem consta que Caminha teria feito outra e mandado a Portugal, mas uma violenta tempestade arremessou a nau que a transportava, contra as do Algarve, aparecendo o caixote nos rochedos da cidade de Lajes, onde os capuchinhos de São Francisco encontraram e colocaram-na em seu convento<sup>48</sup>.

Uma cópia em gesso desta imagem foi comprada pela Irmandade em 1942 e colocada na entrada da igreja no nicho frontal de acesso ao adro, onde permanece até os dias atuais.

---

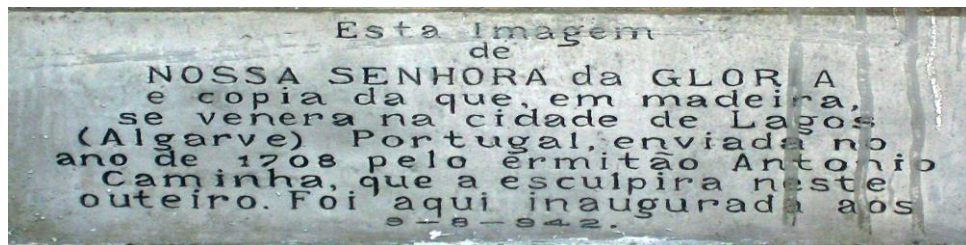
<sup>48</sup> ALENCAR, José de. *O Ermitão da Glória*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964. P. 26.



A imagem mede 2,20cm de altura e foi feita pelo escultor português João José Gomes no Algarve<sup>49</sup>, sendo cópia da original em madeira esculpida em 1671 por Antônio Caminha. A primitiva foi enviada para Portugal no ano de 1708 pelo próprio ermitão.



IMAGEM 36 – Cópia em gesso da imagem primitiva esculpida por Antônio Caminha em 1671



Iconograficamente é representada como uma figura feminina em pé, cabelos longos cacheados, feições finas, braços dobrados na altura da cintura, palmas das mãos justapostas, afastando-se para cima, olhando para o céu, túnica longa com laço abaixo do busto, manto sobre os ombros, sob seus pés existem nuvens com várias cabeças de anjos querubins.

<sup>49</sup> Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Ficha de catalogação de acervo. Inventário nº 838 p. 1-2.

No Brasil, principalmente no Rio de Janeiro, o dia da assunção de Nossa Senhora, Maria ganha o título de Nossa Senhora da Glória, com sua festa começando no dia 5 de agosto, com a tradicional mudança das vestes, indo com a quermesse até o dia 15 do mesmo mês, na segunda parte é possível identificar como foi à grandeza dessa festa, especificando sendo apresentado o início da troca das vestes a quermesse e o interesse da sociedade nas festividades durante o segundo reinado<sup>50</sup>.

No período de comemoração da festa de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, que começa dia 5 de agosto encerrando dia 15, a igreja ganha decoração especial.



IMAGEM 37 – Decoração da igreja em dia de festa da Padroeira

---

<sup>50</sup> MEGALE, Nilza Botelho. *107 Invocações da Virgem Maria no Brasil*. Rio de Janeiro: 1980, P. 58.

## Origem do tema

Falta testemunho explícito e direto da Sagrada Escritura sobre a assunção de Maria ao céu e não existe, na tradição dos três primeiros séculos, qualquer tipo de referência ao destino final da Virgem, inclusive porque ainda não se havia delineado doutrina escatológica segura.

Assim, é entre fins do século IV e fins do século V que se têm as primeiras indicações, que, no entanto, devem ser consideradas ao nível de simples pistas: a idéia de santo Efrém segundo o qual o corpo virginal de Maria não sofreu corrupção depois da morte; a afirmação de Timóteo de Jerusalém no sentido de que a Virgem teria se tornado imortal, já que Cristo a teria levado para os lugares de sua ascensão; a descrição do santo Epifânio de que o fim terreno de Maria foi «pleno de prodígio» e de que, quase certamente, Maria possui o reino dos céus ainda com a carne; convicção expressa na obra siríaca *Obsequia B. Virginis* de que, logo depois da morte, a alma de Maria ter-se-ia reunido novamente ao seu corpo. Também é aos fins do século V que os críticos fazem remontar os mais antigos relatos apócrifos sobre o Trânsito de Maria, que, destacando a idéia de morte singular da mãe do Senhor, representa o elemento primordial com base no qual se desenvolveria posteriormente o discurso em torno da assunção<sup>51</sup>.

---

<sup>51</sup> FIORES, Stefano de. *Dicionário de Mariologia*. Rio de Janeiro: Paulus, 1987. P. 167.



## Análise formal e descritiva



IMAGEM 38 – Imagem da Padroeira no altar-mor

Figura feminina em pé, medindo aproximadamente 1,76m e pesando 80kg. Cabeça coberta com véu, cabelos naturais castanhos escuros, cacheados, olhos de vidro, olhar para baixo, boca fechada, braços flexionados a altura da cintura.

A mão direita segura o cetro de prata e a esquerda apóia o menino Jesus. Túnica longa branca com mangas compridas bordadas, faixa azul na cintura sobreposta de longo manto de veludo azul bordados a ouro.



IMAGEM 39 – Detalhe da cabeça da Padroeira e menino Jesus – Frente e costas

A imagem do menino Jesus está em pé no colo de Nossa Senhora. Cabelos claros, braços abertos, túnica longa branca com faixa na cintura bordados a ouro.

### **A troca das vestes de Nossa Senhora da Glória e do menino Jesus**

A tradicional mudança das vestes de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, tinha uma grande importância para os titulares do império, acontecendo todo dia 5 de agosto, dia de nascimento de Maria. As zeladoras e aias de Nossa Senhora queriam sempre oferecer a melhor veste em uma espécie de concorrência. O tecido era da melhor qualidade, nobre, fino e bordado a ouro. O doador era agraciado com condecorações onde o mais cobiçado era o de Grande Benfeitor. As agraciadas tinham um reconhecimento público, e as jóias eram doadas para a ornamentação, demonstrando certo desprezo de coisas materiais.



Somente as doze aias, escolhidas pela zeladora, é que poderiam cuidar das vestes de Nossa Senhora, e nesta escolha pesavam as condições financeiras para ocupar o cargo. A troca das vestes é feita exclusivamente pelas Aias e a coroa colocada pela Provedora. Nossa Senhora recebe uma veste antiga em bom estado ou outra confeccionada exclusivamente para o evento.



IMAGEM 40 – Guarda – roupas com as vestes de Nossa Senhora da Glória e do menino Jesus



IMAGEM 41 – Nossa Senhora e o menino Jesus com algumas de suas vestes

A imagem de Nossa Senhora da Glória, embora seja processional, não há registro de que tenha alguma vez saído em procissão, e é importante lembrar que muitos documentos sumiram durante a trajetória da igreja, não podendo ser confirmadas as informações. Também não há registro de quem a tenha feito.

Em tempos passados, além de perfume, as Aias banhavam a Imagem com vinho branco e cobriam-na de jóias. As aias têm papel regulamentado desde 1835 segundo o artigo 42 parágrafos 1º, 2º, 3º e 4º que diz o seguinte:

Parágrafo 1º: Haverá uma Irmã que servirá anualmente de Juíza, e doze outras Irmãs que chamarão Aias de Nossa Senhora’.

Parágrafo 2º: A Juíza e Aias serão escolhidas dentre as Irmãs mais distintas por sua devoção, gravidade e respeito; e a escolha se fará no dia da eleição da mesa, a da Juíza em proposta do Juiz (hoje provedor), e das Aias, do Secretário’.

Parágrafo 3º: A obrigação da Juíza e Aias é de vigiar e zelar cuidadosamente na conservação da Sagrada Imagem da Senhora, vesti-la, prover e tratar da sua roupa, ornamentos, e do seu altar. E estas obrigações poderão ser distribuídas mensalmente para cada uma das Aias assistentes, como entre si concertarem’.

Parágrafo 4º: É aplicável para eleição de Juíza e das Aias, mutatis mutandis, o que fica disposto para a eleição dos Consultores<sup>52</sup>.

Com isso a tradição é mantida e tem como ápice a reaparição de Nossa Senhora da Glória vestida no alto de seu altar, ao som do Magnificat, em pleno culto.

A imagem de Nossa Senhora da Glória do altar- mor é uma imagem de roca, típica das igrejas do século XVIII e XIX composta de uma armação de ripas de madeira e arame que sustenta a cabeça e os braços. Em uma placa de prata existente no pedestal da imagem, lê-se a seguinte inscrição:

---

<sup>52</sup> Compromisso da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, 1835. P. 69.

O corpo desta imagem foi mandado fazer pelo Tesoureiro da Irmandade o Veador João José Teixeira no ano de 1867 por deliberação da Mesa administrativa a pedido da Exma. Aya de Nossa Senhora a Viscondessa de Mauá. Na ata de 3 de outubro de 1867 consta o seguinte: O nosso Irmão tesoureiro teve, mais, autorização de mandar encarnar a imagem de Nossa Senhora, como também mandar fazer o corpo do mesmo, visto ser de roca e ter o devoto Antonio Paulo Nunes Sobrinho, dado a esmola de 2: 200\$000 Réis com a condição de se encarnar a Santíssima Imagem de Nossa Senhora da Glória do Outeiro à pedido da viscondessa de Mauá<sup>53</sup>.

A mesma viscondessa mandou fazer e doou a veste mais antiga que se encontra no acervo do armário de Nossa Senhora em 1859. Essa veste tem bordados de fio de ouro e foi feita em Paris na casa Turgil et Fills.

---

<sup>53</sup> Livro de Ata da Imperial Irmandade, 1867 - número 2.

#### 4.1.2. São Gonçalo do Amarante

##### Análise iconográfica



IMAGEM 42 – Altar de São Gonçalo do Amarante e Santo em detalhe

Nasceu Gonçalo de Amarante (1187-1259), da família dos Pereiras na freguesia de Tagilde. Os seus pais eram pessoas de nobre linhagem e deram ao seu filho uma esmerada educação cristã não só pela palavra como também pelos exemplos das suas virtudes cristãs. Foi confiado a um sacerdote sob cuja direção iniciou os seus estudos.

A sua modéstia, candura e o esforço em se aperfeiçoar na prática da vida cristã e os progressos nos estudos, chamavam a atenção. Entre outros foram estes os motivos que moveram o Arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho a admiti-lo. Como seu familiar, e, sob a proteção do Prelado, cursou as disciplinas eclesiásticas, vindo a ser ordenado sacerdote e nomeado Pároco da freguesia de São Paio de Riba-Vizela, apesar da sua humildade e resistência.

No desempenho pastoral, começou a brilhar na prática das virtudes, sobressaindo no zelo apostólico, na castidade e na prática das obras de misericórdia para com os pobres, gastando a maior parte dos rendimentos da paróquia em aliviar as suas necessidades materiais, sem esquecer as necessidades espirituais do seu rebanho. Alimentava no seu coração um desejo ardente de visitar os túmulos dos Apóstolos São Pedro e São Paulo e os lugares santos da Palestina, afim de melhor viver os mistérios da redenção.

Obtida a licença do seu Bispo, deixou os seus paroquianos aos cuidados de um sobrinho sacerdote. Peregrinou primeiro em Roma depois passou por Jerusalém e demais terras da Palestina onde demorou 14 anos. Entretanto, começou a sentir certo remorso por ter abandonado sua paróquia. Avivaram-se as saudades da pátria e dos filhos espirituais e veio-lhe ao íntimo o pressentimento dos males espirituais de que padeciam, provocados pela longa ausência e possível falta de zelo de seu sobrinho. Foram motivos mais que suficientes para regressar apesar dos vários perigos que a viagem supunha. O seu sobrinho, além de não aceitar e não reconhecê-lo como verdadeiro e legítimo pároco, escorraçou-o de casa e conseguiu mediante documentos falsos, provar ao Arcebispo que Gonçalo morrera, conseguindo ser nomeado pároco da freguesia. Resignado com semelhante atitude, deixou São Paio de Riba-Vizela e foi pregar o evangelho por aquelas terras até à margem do rio



Tâmega, vindo a encontrar o lugar onde hoje é a cidade de Amarante, então sítio inculto e quase despovoado, mas apto para a vida eremítica.

Construiu uma pequena ermida que dedicou a Nossa Senhora da Assunção. Nela se recolheu, saindo, de vez em quando, a pregar nos arredores e consagrando o tempo que lhe sobrava à oração e à penitência. Sentia, no entanto a necessidade de encontrar um caminho mais seguro para alcançar a Glória eterna. Jejuou uma Quaresma inteira a pão e água e suplicou a Nossa Senhora para que alcançasse do Senhor esta graça.

Diz-se que a Virgem apareceu e pediu que procurasse a Ordem em que iniciavam o seu Ofício com a saudação angélica ou Ave Maria. Essa Ordem era a dos pregadores ou Dominicanos. Com o seu ministério operou muitas conversões, levando o povo à prática autêntica de uma vida cristã, sem se esquecer de os promover socialmente em muitos aspectos.

Sobressai neste particular a construção de uma Ponte em granito sobre o rio Tâmega conseguindo pessoalmente donativos em terras vizinhas e levou os moradores mais abastados a darem ajuda, para assim pagarem aos operários. O povo atribui-lhe muitos milagres de ordem material, desde o começo até o término da construção. Concluída a ponte, São Gonçalo viveu ainda alguns anos dedicado à pregação e à vida de oração, enriquecendo-se de virtudes e merecimentos. Reza a tradição que Nossa Senhora lhe revelou o dia da sua morte para a qual se preparou com a recepção dos Sacramentos da Igreja. Descansou santamente a 10 de Janeiro de 1262. Em 1540 D. João III mandou erguer o suntuoso templo e convento que ainda hoje existem e que são monumentos históricos da cidade de Amarante de que São Gonçalo pode ser considerado o fundador.

Muito venerado em Portugal e Brasil, São Gonçalo nasceu em 1200 na aldeia de Talgide, próxima às famosas Caldas de Vizela. Contam que quando foi batizado, olhou para a imagem de Jesus Crucificado e levantou os bracinhos para o abraçar, o que causou a admiração de todos. Este fato se repetia todas as vezes que sua ama de criação o levava à igreja. Recebeu de seus pais, de esclarecida linhagem, uma educação cristã, tendo começado os primeiros estudos sob a orientação de um sacerdote. Mais tarde, já moço, se entregou ao estudo da teologia e foi ordenado padre pelo arcebispo de Braga, que lhe confiou o curato da aldeia de São Paio de Riba-Vizela. No desempenho de seu ministério paroquial dedicou-se especialmente aos pobres, com os quais dividia os rendimentos da igreja, tratando-os com amor e respeito. Decorridos alguns anos de incessantes esforços para o bem temporal e espiritual de seu rebanho, resolveu viajar, a fim de conhecer os lugares santos da Palestina e visitar os túmulos de São Pedro e São Paulo, em Roma, deixando um sobrinho como substituto. Ao voltar alguns anos depois, ficou desolado com o estado de sua paróquia, mal dirigida pelo seu parente, o qual, além de tudo, o maltratou quando foi por ele repreendido. Decidiu tornar-se ermitão e construiu pequena capela dedicada a Nossa Senhora, num lugar ermo, junto ao rio Tâmega, onde hoje se encontra a cidade de Amarante, não deixando, porém de exercer suas funções sacerdotais junto à população da redondeza. (Maynard de Araújo, 1964). Desejando cada vez mais se aperfeiçoar nas virtudes cristãs, suplicou à Virgem Maria que lhe mostrasse o caminho para realizar sua aspiração. Nossa Senhora lhe apareceu e o aconselhou a tomar o hábito de São Domingos. Dirigindo-se para Guimarães, ali fez o noviciado e, após a solene profissão, pediu ao prior para voltar ao eremitério de Amarante, onde, com o auxílio de um companheiro dominicano, prosseguiu sua vida evangélica e caritativa. Ali o rio era muito perigoso, principalmente durante as cheias do inverno, dificultando a passagem das embarcações. Pensando facilitar o transporte dos paroquianos, resolveu construir uma ponte, em local que lhe fora indicado por um anjo, contando com a ajuda de Deus e dos moradores da região. Vários milagres lhe são atribuídos, como o de aparecer enorme quantidade de peixes no rio, para saciar a fome dos operários, ao fazer o sinal-da-cruz sobre as águas. Em outra ocasião, após orar fervorosamente, tocou com seu bordão o rochedo onde estava situada a ermida e de lá saiu vinho e água em abundância. (Maynard de Araújo, 1964). O notável santo português morreu a 10 de janeiro de 1259, no seu humilde leito de palha do eremitério, confortado pelo companheiro de hábito e em meio a visões celestiais. O papa Júlio III aprovou, em 1561, seu culto como bem-aventurado, em Portugal, e Clemente XI marcou sua festa para o dia 28 de janeiro. Sobre a primitiva ermida, levantada por São Gonçalo, mais tarde ampliada em igreja, d. João III mandou, em 1548, erguer o suntuoso templo e convento dominicano, que existem até hoje. Segundo a tradição, São Gonçalo era muito alegre, tocava viola e convertia as mulheres dançando com elas, mas tendo nos sapatos pregos, que feriam seus pés. É padroeiro das moças casadouras, seja qual for a idade delas, com noivos distantes, arredios ou problemáticos, e é também invocado nas doenças de estômago ou de ventre. Seus devotos faziam promessas de participar de romarias ou dançar com sua imagem nas festividades a ele dedicadas. A festa deste santo começou a ser divulgada no Brasil pelos colonizadores portugueses. Ela chegou a ser proibida na Bahia, pelo conde de Sabugosa, por considerá-la mais superstição do que solenidade religiosa. Contudo, a Dança de São Gonçalo, como oferenda litúrgica ou ação piedosa, continuou em todo o Brasil. Sendo um rito sagrado, só se dançava por promessa, ao som da viola ou tambor. (Maynard de Araújo, 1964)<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos*. Vidas e milagre dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. P. 112 a 115.

São Gonçalo pode ser representado iconograficamente de algumas maneiras. Em Portugal, ele usa o hábito Dominicano, trazendo na mão direita um livro e na esquerda um cajado. “No Brasil, aparece vestido de frade Dominicano, com batina, capa e chapéu ou trajes de camponês luso, com botas, calças pelo joelho, meias, paletó, capa e chapéu comum, porém em ambas está segurando uma viola, como se a estivesse tocando” (MEGALE, 2004, p. 115).

### **Curiosidades ou folclore sobre São Gonçalo?**

Talvez por ter sido um excelente tocador de guitarra e possuir uma voz melodiosa, tenha surgido no Nordeste Brasileiro a imagem folclórica de São Gonçalo tocador de viola, que deu origem a dança de São Gonçalo.

A tradição conta que São Gonçalo serviu-se desses dotes para reunir e deliciar as pessoas e em seguida aproveitar para evangelizá-las. No folclore português São Gonçalo é apresentado como santo casamenteiro das velhas.

Dizem que para as mulheres com mais de 30 anos em questões matrimoniais, ele é o Santo indicado. A origem deste folclore deve-se ao fato de São Gonçalo ter legitimado muitos casais que mantinham uma relação ilícita aos olhos de Deus. São Gonçalo é tido como santo protetor das mulheres e dos casais apaixonados.

## Análise técnica e formal



IMAGEM 43 – São Gonçalo do Amarante

Essa imagem é essencialmente retabular, e a relação dos fiéis é de respeito e devoção. Encontra-se localizada no altar lateral à esquerda, na Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro. A técnica é entalhe. Madeira policromada medindo aproximadamente 1.36cm de altura. Na ficha de catalogação de acervo da Irmandade<sup>55</sup>, consta que pertence ao século XIX com autor ignorado e até 1987, não foram encontrados documentos que comprovem o tipo de aquisição. Todo dia 10 de janeiro comemoram-se a festa do dia de São Gonçalo do Amarante.

---

<sup>55</sup> Museu da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. Ficha de catalogação de acervo. Número do inventário – 818 p. 1-2-3.

### Descrição da imagem

Figura masculina em pé, cabelos curtos encaracolados, olhos abertos, braço direito erguido com báculo na mão. Braço esquerdo flexionado tendo um livro entreaberto na mão, capa cobrindo os ombros, hábito cinza com motivos fitomorfos dourados. Perna esquerda à frente do corpo fazendo com que apareça o calçado. Base quadrangular com cantos chanfrados.



IMAGEM 44 – São Gonçalo do Amarante em detalhe



### 4.1.3. Santo Amaro

#### Análise iconográfica



IMAGEM 45 – Altar de Santo Amaro e imagem em detalhe

Santo Amaro foi discípulo de São Bento. Seu pai era um nobre romano e colocou o menino com apenas 12 anos aos cuidados de São Bento em 522 d.C, quando este ainda estava em Subiaco. O jovem cresceu obediente à regra de São Bento se tornando um exemplo de monge. São Gregório, conta a historia de Plácido, um companheiro monge, filho de um senador de nome Tertulius que caiu no lago quando foi buscar água e foi carregado pela correnteza. Orando em sua cela, São Bento viu o fato em espírito, e enviou o menino Amaro

para salvá-lo. O discípulo obedeceu imediatamente e é dito que ele andou sobre as águas e pegou Plácido pelos cabelos sem se afogar. Santo Amaro atribuiu o milagre às orações de São Bento, mas o santo abade dizia que o milagre era devido à obediência do discípulo. Santo Amaro faleceu em 580 de causas naturais. Sua festa é celebrada todo dia 15 de janeiro.

Filho do Senador Euthichius, foi confiado desde a mais tenra idade a São Bento, para ser educado pelo patriarca dos monges do Ocidente. Tendo adotado a vida religiosa, foi um dos mais representativos abades beneditinos. Enviado à Gália, fundou o mosteiro de Grandfeuil (Saint-Maur-Sur-Loire), formulando as suas regras. Foi glorificado por grandes milagres, antes e depois de sua morte em 15 de janeiro de 548. (Lehmann, 1959.) Segundo a tradição, seu primeiro milagre ocorreu quando, obedecendo a uma ordem que lhe fora dada por São Bento, caminhou sobre as águas para salvar seu amigo e companheiro Plácido, que estava se afogando. A devoção ao santo, introduzida pelos beneditinos, tornou-se extremamente popular em Portugal e no Brasil colonial. Várias são as localidades brasileiras mais antigas que levam o seu nome, sendo a mais conhecida a cidade de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano. A ilha de Santo Amaro, no litoral paulista (denominada Guaiambé pelos indígenas), onde se encontra atualmente a cidade de Guarujá, recebeu sua denominação dos primeiros descobridores, provavelmente Américo Vespúcio e Gonçalo Coelho, em 1502. A vila de Santo Amaro, ali criada e hoje desaparecida, foi um dos primitivos núcleos populacionais do sul do Brasil, dando seu nome à capitania doada por d. João III a Pedro Lopes de Sousa. A primeira sede da Congregação do Oratório, em Pernambuco, foi instalada em 1662 numa ermida já existente, dedicada a Santo Amaro, próxima à cidade de Olinda. Os padres de São Felipe Neri a reformaram, transformando-a em bonita igreja, com espaçoso alpendre, e colocaram a imagem do santo num nicho no altar do lado do Evangelho. Santo Amaro é invocado nos casos rebeldes de rouquidão, gripe, reumatismo, dor de cabeça e paralisia. É também padroeiro dos latoeiros, carregadores, carroceiros e fabricantes de velas. A bênção de Santo Amaro sobre os doentes é dada com partículas do Santo Lenho. Ele é representado iconograficamente com o hábito e capuz de monge beneditino, tendo na mão esquerda um livro, simbolizando as regras de sua ordem religiosa, que promulgou na Gália, e na direita o báculo de abade. Algumas vezes ele aparece lendo o livro. Uma de suas mais famosas imagens é a de barro cozido e policromado, da autoria de frei Agostinho da Piedade, no século XVII, que se encontra em exposição no Museu de Arte Sacra de São Paulo. O escultor popular Dito Pituba também executou bonita imagem deste santo, em que ele abençoa os devotos<sup>56</sup>.

---

<sup>56</sup> MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos*. Vidas e milagre dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004. P. 49-50.

## Análise técnica e formal



IMAGEM 46 – Santo Amaro

A imagem é retabular medindo aproximadamente 1.36cm de altura, e a relação dos fiéis é de respeito e devoção. A imagem de Santo Amaro encontra-se no altar lateral à direita, na Igreja Nossa Senhora da Glória do Outeiro. A técnica é entalhe, e o material utilizado é madeira policromada. Na ficha de catalogação do acervo da Irmandade<sup>57</sup> consta que a imagem pertence ao século XIX com autor ignorado e até 1987, também não foram encontrados documentos que comprovem o tipo de aquisição.

---

<sup>57</sup> Museu da Imperial Irmandade de Nossa senhora da Glória do Outeiro. Ficha de catalogação de acervo. Inventário nº 820 - anexo 13.

### Descrição da imagem

Figura masculina em pé, cabelos curtos, olhos abertos, braço direito erguido e mão segurando báculo. Braço esquerdo flexionado e mão segurando um livro. Manto sobre os ombros abotoado no peito, hábito marrom escuro com motivos fitomorfos dourados, perna esquerda a frente da direita aparecendo o calçado. Base quadrangular com cantos chanfrados.



IMAGEM 47 – Santo Amaro em detalhe

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstrou que a devoção a Nossa Senhora da Glória no Brasil vem do século XVII, onde aparece envolvida em uma lenda narrada pelo romancista José de Alencar em *O Ermitão da Glória*<sup>58</sup>. O frustrado romance entre Maria da Glória e Aires de Lucena que termina melancolicamente com a morte da moça, e tem como fechamento a vida de Aires de Lucena no morro do Leripe e a sua devoção a Nossa Senhora da Glória.

José Vieira Fazenda em *Memórias e Antiquilhas do Rio de Janeiro*<sup>59</sup> também dá notícia do emblemático ermitão Antonio Caminha, entrando, aliás, em contradição com o romance de José de Alencar. Afirma que em 1671, o ermitão construiu uma tosca ermida de madeira e barro para a Nossa Senhora da Glória no outeiro que, nessa época, era um lugar distante e deserto, extramuros da cidade. A devoção foi crescendo e os devotos formaram uma irmandade para melhor servir à Senhora da Glória.

Em 1699, Cláudio Grugel do Amaral, que era o proprietário do Outeiro, faz a doação do terreno à Irmandade, com a condição de ser construída uma igreja maior substituindo a ermida primitiva, já em ruínas, e que pudesse dar sepultura a ele e seus familiares. Em 1739 é aprovado o primeiro Compromisso da Irmandade pelo bispo D. Antônio de Guadalupe.

A planta da igreja é barroca com plano excepcional, formado por dois prismas octogonais entrelaçados, tendo à frente uma torre sineira quadrangular. É admitida, a possibilidade de o Tenente-Coronel José Cardoso Ramalho ter sido o autor do plano da igreja.

---

<sup>58</sup> ALENCAR, José de. *O Ermitão da Glória*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.

<sup>59</sup> FAZENDA, José Vieira. *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro* - IN Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 86, vol. 140, 1919.



Desde os primórdios da devoção, a festa de Nossa Senhora da Glória tornou-se uma das grandes festas da cidade. Famílias inteiras vinham de longe para a novena que precede a festa, e como o lugar era distante, devido à precariedade dos meios de transportes da época, hospedavam-se nas casas que Antonio Caminha construía para os romeiros, nas proximidades da capela.

Em 1808 vem a Corte Portuguesa para o Rio de Janeiro e transforma os hábitos da pacata cidade. D. João VI que possuía espírito de artista, vislumbrou um mundo de poesias na igreja do Outeiro da Glória, emoldurada pela mata verde, contemplando do alto o mar as praias e a cidade que aos poucos crescia, vencendo os pântanos e subindo a encosta dos morros.

Tornou-se o grande devoto de Nossa Senhora da Glória e quando nasceu a primeira neta, filha de D. Pedro I e de D. Leopoldina, deu-lhe o nome de Maria da Glória que mais tarde seria Rainha de Portugal, com o nome de D. Maria II. A devoção da Família Imperial continuou no coração de seus descendentes no Brasil, e no Segundo Reinado D. Pedro II concedeu o Título de Imperial à Irmandade. Entretanto apesar da preferência da família imperial por esta igreja, não significou o afastamento das classes menos abastadas. Exemplo maior eram as festas realizadas no Outeiro no dia de Nossa Senhora da Glória a 15 de agosto, com ampla participação do povo em toda a programação.

Foi justamente nesse período que a festa teve grande importância no Rio de Janeiro pelo divertimento e interesse de promoção social. A festa era à base de afirmação de poderes sociais e políticos e um dos momentos mais importantes acontecia pela manhã com a chegada da família imperial para a missa. Com o advento da República, os festejos comemorativos ao dia de Nossa Senhora da Glória ficaram mais simples, mas a tradição foi preservada com a

troca das vestes de Nossa Senhora realizando-se a 5 de agosto. A troca das vestes que surgiu no segundo reinado permanece até hoje, com algumas alterações. A cidade cresceu e o antigo morro do Leripe já não fica mais extramuros. As casas que alojavam os romeiros durante a festa de Nossa Senhora da Glória são agora alugadas a moradores permanentes.

Na tentativa de conhecer a história dessa irmandade e sua edificação conhecemos também melhor a história da fundação da cidade do Rio de Janeiro que começou na colina de Uruçumirim (atual Outeiro da Glória). “O Rio de Janeiro efetivo começa no Outeiro da Glória, a 20 de janeiro de 1567” (PEXOTO, 1943, p.7). O coração do Rio de Janeiro é a Glória.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José de. *O Ermitão da Glória*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964.
- ALVIM, Sandra. *Arquitetura religiosa colonial no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- ATAS. *Livro de Ata sem especificações de mesa da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*, de 1835 a 1865 (IINSGO, IGO B1c).
- BARRAL, Condessa de. *Manuscritos 1880*. Arquivo da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro (IINSGO, IGO D7n).
- BÍBLIA, Sagrada. São Paulo: Geográfica, 2001.
- COARACY, Vivaldo. *O Rio de Janeiro no século XVII*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.
- COARACY, Vivaldo. *Memória da cidade do Rio de Janeiro*. 3 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo, 1988.
- FAZENDA, José Vieira. *Antiquilhas e memórias do Rio de Janeiro* - IN Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tomo 86, vol. 140, 1919 apud PEIXOTO, Afrânio. *A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: publicações do Patrimônio Artístico Nacional, Vol. 10, 1940.
- FIORES, Stefano de. *Dicionário de Mariologia*. Rio de Janeiro: Paulus, 1987.
- FRIDMAN, Sérgio A. *História do Bairro da Glória*. Rio de Janeiro: Barroco, 2002.
- GANNS, Claudio. *Visconde de Mauá, autobiografia*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942.

LOS RIOS FILHO, Adolfo Morales de. *O Rio de Janeiro imperial*, Rio de Janeiro, 2000.

MAIA, Antônio Fabiano Feijó. *Nossa Senhora da Glória: O auge de seu culto no Rio de Janeiro (1840-1889)*. Monografia de conclusão de curso de Bacharel em História. Rio de Janeiro, UGF, 2005.

MECO, Jose. *Azulejaria Portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora, 1985.

MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos*. Vidas e milagre dos santos mais venerados no Brasil. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MEGALE, Nilza Botelho. *107 invocações da Virgem Maria no Brasil*. História, folclore e iconografia. Petrópolis: Vozes, 1980.

MEO, Salvatore. *Dicionário de Mariologia*. São Paulo: Paulus, 1983.

NEDHEF, Eduardo André. *Anuário do Memorial Visconde de Mauá*. Número 2, 2002.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. A imagem religiosa no Brasil. In: Catálogo da Mostra do Redescobrimento – Arte Barroca. São Paulo: Associação Brasil 500 anos – Artes Visuais, 2000.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de; JUSTINIANO, Fátima. *Barroco e rococó nas igrejas do Rio de Janeiro*. Roteiros do patrimônio. Brasília, DF: Iphan/Programa Monumenta, 2008.

PEIXOTO, Afrânio. *A igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: publicações do Patrimônio Artístico Nacional, 1940.

PORTUGAL, Yolanda Marcondes. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: Anais do Museu Histórico Nacional, 1943.

ROWER, Basílio. O convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro. Sua história, memórias, tradições. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

SIMÕES, J. M. dos Santos. *Azulejaria Portuguesa no Brasil*, Lisboa, 1965.

SMITH, Robert C. *A Talha em Portugal*. Livros Horizonte, Lisboa, 1962.

TELLES, Augusto da Silva. *Nossa Senhora da Glória do Outeiro*. Rio de Janeiro: Agir, 1969.

#### FONTES

ARQUIVO DO IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). *Igreja de Nossa Senhora da Glória*. Cópia de documentos extraídos do Arquivo da Irmandade, por Noronha Santos, em 1940 – Pasta de documentação. Relatórios, atas, fotos e documentos das obras de restauração dos anos de 1939 a 1943.